

# FÊ CRISTÃ

Edição 9, Ano 2, Nº 9, setembro de 2021

Revista **Digital**

## INTRODUÇÃO À ESCATOLOGIA



**Conversando com**

**Pr. Silas Daniel**

**Cristão,**  
você precisa estudar teologia



# **\\ Sumário**

**4. Editorial** – Escatologia em tempos modernos

**5. Devocional** – Insensíveis

**7. Teologia** – Cristão, você precisa estudar teologia

**10. Hermenêutica** – Devo interpretar a Bíblia ou apenas lê-la?

**14. Hermenêutica [2]** – A Bíblia deve ser toda lida literalmente?

**16. Teologia [2]** – Alergia ao termo “doutrina” – faz sentido?

**19. Hermenêutica; Escatologia** – A Revelação é progressiva

**22. Artigo especial** – Introdução à Escatologia

**30. Psicologia** – Pandemia & Escatologia

**34. Política** – A destruição dos símbolos como nova ordem legal

**38. Ciência** – O evoteísmo e a necessária jornada investigativa pessoal sobre as origens

**42. Ciência [2]** – O evoteísmo e a necessária jornada... [parte 2]

**46. Conversando com... Pr. Silas Daniel**

**52. Missiologia** – A Caixa Preta da Cultura [parte 2]

**57. Soteriologia** – Quem está no controle?

**60. Feminilidade** – Tentações

**62. Arte** – Maternidade: a visão de uma filha



## FUNDADA EM 2020

**EDITOR-CHEFE/DIRETOR DE REDAÇÃO:** Marcos Motta  
**IDENTIDADE VISUAL:** Gabriel Ferreira **CAPA:** Marcos Motta  
**DESIGN INTERNO:** Marcos Motta **REVISÃO:** Lorena Garrucho  
**CONTRIBUIÇÕES NA EDIÇÃO:** Equipe de colaboradores  
**DIAGRAMAÇÃO:** Marcos Motta  
**PUBLICIDADE / DIVULGAÇÃO / PROPAGANDA:** Equipe de colaboradores  
**ATENDIMENTO AO LEITOR:** Marcos Motta **CONTATO:** redes sociais.

**REVISTA FÉ CRISTÃ**, edição 9, ano 2, nº 9, setembro de 2021, é uma publicação cristã independente, interdenominacional e mantida tão somente por seus colaboradores. **EDIÇÕES ANTERIORES:** disponíveis para download no endereço eletrônico da revista. Disponíveis para pedido através de contato via redes sociais oficiais. **A REVISTA FÉ CRISTÃ** não tem fins lucrativos. Este é um material gratuito, portanto, este arquivo não pode ser vendido. O compartilhamento via redes sociais e dispositivos eletrônicos é livre. A impressão, total ou parcial, para uso pessoal ou congregacional, no caso de igrejas, é totalmente permitida, desde que, quando de uso público, a fonte do material seja citada. O conteúdo de cada coluna e/ou artigo é de inteira responsabilidade de seus autores.

*revistafecrista.com*

*facebook.com/revistafecrista*

*instagram.com/revistafecrista*

*twitter.com/revistafecrista*



# Escatologia em tempos modernos

**V**ivemos na era da *cosmovisão secular*. Esta cosmovisão, baseada no materialismo filosófico e no evolucionismo, prega que devemos viver a partir de três verdades: Deus não existe, não há nada além do túmulo, de maneira que tudo o que temos é a vida presente. Não se faz necessário muito esforço para percebermos que esta é uma cosmovisão totalmente anticristã, inteiramente oposta àquilo que a Bíblia nos ensina.

Diferente do que se pensa, a cosmovisão secular não é arreligiosa. Por não se identificar com uma religião em específico e, ao mesmo tempo, por pregar que todas as religiões têm o mesmo objetivo e levam ao mesmo lugar, e que elas, por isso, deveriam se unir, deixando de lado suas divergências, muitas pessoas pensam que o secularismo é algo diferente da religião como a conhecemos.

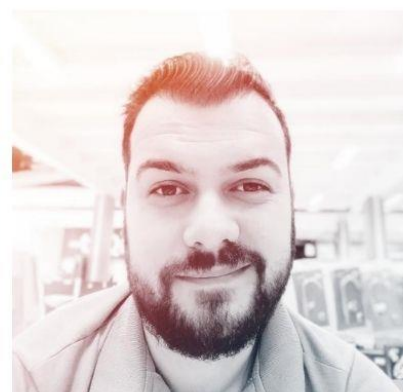
Ledo engano.

Ao pararmos para refletir sobre as ideias que permeiam este modo de pensar e viver, o secularismo, vemos que este também possui todas os elementos que são necessários para que possa ser definido como um tipo de religião. Assim como a religião cristã dá origem a uma cosmovisão específica baseada naquilo que por ela (a religião cristã) é defendido como verdade, também a cosmovisão secular aponta para um constructo religioso por trás dela mesma, o qual fornece base para suas doutrinas, a saber, o secularismo.

O secularismo, como já dito, possui todos os elementos que são necessários para que possa ser definido como um tipo de religião. Há uma narrativa das origens, por exemplo. Há, também, um grande desvio que pode ser comparado com a Queda. Este dá origem às práticas que são consideradas como pecado, pelos secularistas. Há um caminho para a redenção, e, não poderia faltar, há uma esperança escatológica.

A escatologia secularista também pode ser separada em *escatologia individual* e *escatologia geral*. Há coisas que se esperam para o indivíduo, que busca alcançar o alvo escatológico aqui e agora, antes da morte, que representa o fim de todas as coisas para este. E há o plano em constante execução de se alcançar, em determinado tempo do futuro, um estado de paz e bem-estar social incomparável, o qual se dará quando tudo aquilo que produz maldade, tristeza, violência, desigualdade etc. for erradicado.

Tal escatologia secular, tão difundida nestes tempos modernos, fez urgir a necessidade de recapitularmos a escatologia cristã. Propomos, a partir desta edição da revista, uma apresentação detalhada desta tão necessária matéria.



MARCOS MOTTA  
Editor-chefe

# Insensíveis



**Henrique Vidal**, 27 anos, é membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Salvador - BA, onde é diretor de missões e ação social.

**“Confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis. A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos.” (Tiago 5:16)**

**P**ara Tiago, apóstolo de Cristo, a confissão de pecado, seguida de oração, pode trazer cura para a alma angustiada depois de ela ter pecado. Infelizmente, parece que essa benção está retida na igreja, visto que existem muitos irmãos doentes, fracos, cabisbaixos, e o motivo para isso tudo é o fracasso na luta contra o pecado.

Há alguns anos, me lembro de um jovem ao qual eu estava discipulando. Ele estava se distanciando da congregação,

triste, se escondendo de todos. Fui até ele e perguntei-lhe o que estava acontecendo. A resposta foi simples: pecado!

Pois bem, esse jovem confessou a mim detalhes de sua luta contra o pecado. Na ocasião, mostrei a ele, nas Escrituras, que ele deveria permanecer na Graça, e não fugir, afinal, sem a Graça, não há como desfrutar do perdão e ser livre da culpa — é engano achar que, devido aos pecados cometidos alguém terá, agora, que ficar distante Deus. Isso é remar para o rio do tormento!

É preciso reconhecermos que nem todos aqueles que estão lutando contra o pecado, como o jovem citado, têm alguém para confessar as suas culpas. Isso é danoso.

Nas Escrituras, podemos observar que um salvo que guarda em silêncio seus pecados, dentro em pouco passará por um quadro

deprimente! Vejamos o exemplo do Salmo 32:

*“Quando eu guardei silêncio, envelheceram os meus ossos pelo meu bramido em todo o dia. Porque de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim; o meu humor se tornou em sequeidão de estio.” (Salmos 32:3,4)*

Não é estranho que tenhamos tantos irmãos tristes, sem que saibamos ou entendamos o motivo para tal? Eles estão empregados, alguns casados, fazendo faculdade, noivos, fazendo o que gostam, vão à igreja, mas estão tristes!

Davi, por não confessar seu pecado, por um momento, não deixou de se sentar em seu trono. O problema é que Deus não estava sentado no trono do coração de Davi, e sim o pecado. Onde o pecado reina, ele exige silêncio, e traz escuridão para a alma.

Essa é a realidade daqueles que guardam em silêncio os seus

pecados. O pecado está reinando no coração deles. Exigiu silêncio, e proibiu visitas. Eles se distanciam das pessoas porque temem que seus pecados sejam expostos. Se confessarem os seus pecados para “a pessoa errada”, serão condenados, e os pecados serão expostos de uma forma vergonhosa. É isso que temem: o julgamento do público, o cancelamento na igreja, os olhares de condenação!

A verdade é que na igreja, quando o assunto é pecado, poucos sabem lidar com isso. A igreja — instituição, não a Igreja de Cristo — está cheia de pessoas “santas” demais, que não são capazes de ouvir sobre as fraquezas dos outros. Alguns estão torcendo para que aquele irmão que é tão dedicado ao Reino tropece, para que finalmente possam dizer: “ué, este(a) não era a pessoa de confiança do pastor? Pelo visto era apenas uma capa, um disfarce”.

Você pode achar isso um absurdo, algo raro de se acontecer, mas eu mesmo já vivi isso. Eu sei o que é ter irmãos acompanhando cada passo que você dá, na ânsia de ver você se tornar um fora da linha. São insensíveis, carnaís,

com espírito faccioso, sem afeto, nuvens sem água, manchas na Ceia. São prejuízos para o Reino de Deus. É por causa destes que há muitos morrendo em silêncio. Perdendo suas batalhas contra o pecado, porque não há alguém para quem eles possam confiar seus pecados. Não há quem use o escudo da fé, a fim de lhes proteger o peito da lança do acusador.

Há um bálsamo para você meu irmão(a), que pode curar as feridas da sua alma, provocadas pelo pecado: Cristo expiou os seus pecados. Não faça como Adão que se escondeu depois de ter pecado. Vá a Cristo e confesse suas culpas, seus medos, seus terrores. Você precisa abrir a janela do seu coração e deixar que a luz da Graça dissipe as trevas do pecado. Deixe que a Graça ponha um cântico novo em seus lábios. O Espírito de Deus vai restaurar em você a alegria da Sua salvação.

Deus não abandona os Seus filhos. Foi Ele quem disse em Sua Palavra:

*“Nunca o deixarei, nunca o abandonarei.” (Hebreus 13:5)*

Seja corajoso e confesse suas culpas a Deus. Ainda no Salmo 32, no verso 5, lemos:

*“Então, reconheci diante de ti o meu pecado e não encobri as minhas culpas. Eu disse: ‘Confessarei as minhas transgressões ao Senhor’, e tu perdoaste a culpa do meu pecado.”*

O Sacrifício feito há dois mil anos é suficiente para lhe purificar de todos pecados. Para apagar as transgressões, para lhe dar a alegria de um salvo!

Depois disso, você poderá ser uma bênção também. Ser cura para outras almas feridas, que não têm alguém para quem podem confiar suas lutas. Você poderá estender as mãos para que aqueles que estão caídos recebam forças para levantar. Você poderá orar pelo fraco, ser o ombro de apoio que aqueles que estão aleijados espiritualmente necessitam. Seja o meio que Deus usará para levantar a muitos!

Que Deus em Cristo lhe abençoe!

# Cristão, você precisa estudar teologia (afinal de contas, todos somos teólogos)



**Marcos Motta**, 28 anos, é editor-chefe de Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Lajeado - RS, é estudante autodidata de teologia, e autor do livro *Não Estamos Derrotados: A Verdadeira Vitória* (2017). Na igreja local, coopera como pregador, e também como músico, cantor e compositor. Casado com Talita Motta.

**R**olando o feed de notícias do Facebook, me deparei com um post patrocinado, que trazia a seguinte mensagem:

*“Se você é um cristão que precisa aprender mais sobre a Bíblia, clique no botão...”*

A premissa do anunciante é que pode ser que o indivíduo que estiver lendo o referido post seja um cristão do tipo que não precisa aprender mais sobre a Bíblia (existe?), ou do tipo que simplesmente não está interessado na questão. Para os próprios idealizadores do dito curso, portanto, o estudo da teologia parece não ser algo imprescindível na vida do cristão.

Mas, isso está de acordo com a realidade prevista para alguém

que vive ou que deseja viver uma vida cristã plena? Reflitamos um pouco.

É possível ser um cristão sem teologia? A resposta primeira é SIM. É óbvio que é possível ser um cristão sem teologia. Milhões de cristãos fiéis foram salvos sem nunca terem estudado regular e sistematicamente a Escritura e os assuntos que estão relacionados a ela. Apesar de serem cristãos que amavam a Palavra de Deus como tal, e que passaram a vida inteira meditando nela, em face das mais diversas circunstâncias, estes jamais a abordaram a partir de um estudo categórico. As principais razões para isso, certamente, foram a dificuldade de acesso ao estudo e a falta de condições para empreender uma jornada em busca dele.

No entanto, de outra perspectiva, a resposta para a

pergunta anterior é NÃO. Não é possível ser um cristão sem teologia. Deus, por Sua Graça e misericórdia, salva e guia muitos cristãos ao longo de suas vidas sem fazer uso dessa ferramenta (glória a Deus por isso! Ele é soberano!), todavia, para milhões de outros, Ele a disponibiliza e faz dela algo necessário para a realização de Seus propósitos em suas vidas – veja, Ele não precisa da teologia, mas, ainda assim, se utiliza dela. Muitos cristãos, portanto, estão deixando de viver uma vida cristã plena porque ignoram esta verdade. Esquecem de que àqueles a quem mais é dado, mais será cobrado – inclusive tempo e recursos.

### Por que estudar teologia?

Talvez essa pergunta poderia ser reformulada para: por que devo conhecer o Senhor? O estudo da Bíblia nada mais é do que o aprofundamento no

conhecimento que o Senhor nos deu sobre Ele mesmo. No final das contas, todos somos teólogos – a questão é se o que sabemos a respeito de Deus é verdadeiro. Quando falamos de Deus, quando ponderamos sobre Deus, ao opinarmos a respeito dEle e Sua Palavra, quando pregamos e cantamos em nossas igrejas, sim, em todos esses momentos estamos produzindo teologia. A questão correta, portanto, é: somos bons teólogos ou maus teólogos? A teologia que produzimos vem da Palavra de Deus ou de nossas imaginações e “achismos”? Impomos nossas ideias à Bíblia ou nos submetemos ao que ela nos ensina? Portanto, se já produzimos teologia regularmente, por que não adequar nosso saber teológico à teologia produzida pelos nossos irmãos ao longo da história? Por que não nos alinharmos ao que o Espírito Santo ensinou aos cristãos do passado e do presente, iluminando seus entendimentos e levando-os a registrar suas reflexões e compreensões?

O estudo da Bíblia, ou de Deus, através da Bíblia e da teologia, como diziam os Puritanos, é o estudo de como viver com Deus. Sua importância é dupla:

**Primeiro**, ela nos mantém mais seguros. Por ser a Bíblia verdadeira em tudo o que ensina, por ela ser um livro, uma maneira pela qual

podemos saber se estamos a entendendo corretamente é analisando se o nosso entendimento contradiz o entendimento de outra parte dela, ou se o que entendemos não contradiz o que outros cristãos entenderam. Quem está certo? O Espírito Santo que nos ilumina não é o mesmo? Como a polícia da verdade, o estudo da Bíblia nos aborda na estrada quando as nossas conjecturas nos levam em direção ao perigo. A teologia séria e diligente é a cerca que impede que as ovelhas vaguem mundo afora.

A **segunda razão** pela qual a teologia é importante é frequentemente negligenciada, mesmo por aqueles que a amam. Quando feita devidamente, a teologia tem a capacidade de abrir os nossos corações e mentes para que possamos ver mais plenamente e nos alegrarmos mais profundamente na glória de Deus. Nisso, cabe dizer que quando estamos mais interessados na engenhosidade do nosso sistema teológico do que na glória de Deus, estamos fazendo teologia errado. Em outras palavras, a santidade de Deus é uma boa coisa a se estudar. Mas, se o nosso estudo termina com uma orgulhosa postura intelectual, se saímos do estudo nos achando muito inteligentes, nós fizemos um péssimo estudo.

Enquanto boa parte do mundo evangélico parece estar sujeita e determinada a buscar

espiritualidade sem conhecimento, nossa resposta é que a espiritualidade cristã não vive sem o conhecimento, mas, com ele, é espiritualidade inspirada, orientada e informada pelo próprio Deus.

Estudar a santidade deve levar ao arrependimento. Estudar a salvação deve levar à gratidão. Estudar o fim dos tempos deve levar à esperança. Precisamos estudar para nos aperfeiçoarmos, isto é, para que possamos produzir o fruto do Espírito. A teologia não é um esforço árido, mas em vez disso deve ser um fertilizante para o fruto do Espírito. Conhecer a Deus é vida. Estudá-lo, portanto, é saúde.

A teologia é propriamente isso – devemos estudá-la a fim de conhecermos ao Senhor. O problema da teologia, portanto, não é o estudo, mas o que as pessoas com um coração corrupto fazem dela, ao estudar. Para que possamos adorar a Deus de forma correta, para que não venhamos a adorar um falso Deus, para que possamos praticar a Palavra de Deus corretamente, precisamos da teologia. Ao conhecermos quem Deus é, estaremos também nos inteirando do que Ele nos ordena a fazer.

A teologia, obviamente, nos oferece esse entendimento necessário sobre o conteúdo das Escrituras. Se a teologia é o conhecimento de Deus, é sobre Deus e é o que Ele



ensina, ela deve nos levar diretamente às Escrituras. Automaticamente, ao nos levar às Escrituras, a teologia vai nos aperfeiçoar em como praticar o que nelas está escrito – a teologia não pode ser mero conhecimento acumulado na mente, causando obesidade intelectual, mas sempre deve provocar mudança de vida. Deste modo, também teremos condições de ensinarmos a outros a maneira correta. Mateus 28.20, por exemplo, diz que nós devemos ensinar, mas somente aquilo que recebemos de Jesus.

Alguém pode perguntar: o que mesmo a teologia produziu [de bom] em todo esse tempo? Primeiro: nós apenas adoramos a um Deus trino e temos o conhecimento de que Deus é um Deus trino, através do trabalho de homens, que eram discípulos dos apóstolos, e que, através de muito estudo, formaram os credos. Homens que lutaram contra as heresias, que lutaram para dizer o que a Igreja é, para dizer o que é, de fato, o Evangelho. Que deram a sua vida para colocar a Bíblia em nossas mãos – todos eram teólogos. Estou dizendo que Deus não seria poderoso para

colocar através de outro método a Sua Palavra ao nosso dispor? Não, não estou dizendo isso, mas foi esse o meio que Ele usou.

Ainda, a teologia nos fornece recursos através dos quais podemos compreender o que é que a Palavra de Deus está dizendo, produzindo assim o amadurecimento da fé dos cristãos. Efésios 4 mostra que os mestres, pastores e ensinadores foram chamados para nos conduzir à maturidade. Logo, nós devemos não somente estudar, mas dar graças ao Senhor pelos mestres e pelo estudo da teologia.

Outra vez, o estudo da teologia é bom, o coração do homem é que é mau. O coração do homem distorce a teologia. R. C. Sproul é quem cunhou essa expressão de que nós somos todos teólogos. É óbvio que não há a intenção de diminuir o labor e o esforço do teólogo diplomado, que gastou a si mesmo e a seus recursos a fim de alcançar uma formação teológica acadêmica. A verdade, no entanto, é que não se produz e nem se adquire teologia apenas em sala de aula. Todos nós pensamos

acerca de Deus, todos nós fazemos afirmações sobre Deus. Sobre o que se deve e o que não se deve crer sobre Deus. Sobre o que se deve fazer ou não para Deus. Portanto, todos produzimos teologia. Assim, a questão não é se a teologia é importante, mas se somos bons teólogos ou maus teólogos. Se ensinamos a Verdade, ou ensinamos mentiras. A questão maior é se nós estamos realmente adorando a Deus conforme as Escrituras mostram.

Por fim, a teologia envolve três coisas: exame das Escrituras, ponderar sobre as Escrituras e o esperar que o Senhor conceda o entendimento das Escrituras. Nós não somos infalíveis, pelo contrário, somos pecadores. Falhamos em interpretações, em aplicações, falhamos na prática – se não fosse o Senhor nos dando o entendimento através do nosso exame e ponderação das Escrituras, estaríamos perdidos. Isso se constitui: estudo de teologia. A importância da teologia é, por demais, grande.

---

# Devo interpretar a Bíblia ou apenas lê-la?



**Marcos Motta**, 28 anos, é editor-chefe de Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Lajeado - RS, é estudante autodidata de teologia, e autor do livro *Não Estamos Derrotados: A Verdadeira Vitória* (2017). Na igreja local, coopera como pregador, e também como músico, cantor e compositor. Casado com Talita Motta.

*“Você não precisa interpretar a Bíblia. Apenas leia e faça o que ela diz.”*

É muito comum encontrarmos pessoas que defendem essa ideia com bastante convicção. Em geral, essa ideia reflete o protesto do leigo contra o teólogo, contra o estudioso, contra o pastor, o catedrático ou o professor de escola bíblica dominical que, a partir do recurso da “interpretação”, parecem privar a pessoa comum de entender a Bíblia.

Uma sensação de que eles só querem dificultar as coisas paira no ar.

Esse protesto também é uma forma de defender a ideia de que a Bíblia não é um livro de difícil compreensão. “Afinal de

contas”, argumentam os leigos, “qualquer pessoa com metade de sua capacidade intelectual pode lê-la e entendê-la”. Segundo esses irmãos, o problema com um grande número de pregadores e teólogos é que eles cavam tanto a “terra da interpretação” que acabam por “sujar as águas do entendimento”.

*“O que tínhamos lido e era claro para nós, agora já não está mais tão claro”.*

Concordamos que os cristãos devem, principalmente, aprender a ler a Bíblia, crer nela e obedecê-la. Em especial, concordamos com o argumento de que a Bíblia não precisa ser um livro de difícil compreensão — mas defendemos que isso só acontece quando ela é corretamente lida e estudada.

Na realidade, estamos convictos de que o problema específico mais sério que as pessoas têm com a Bíblia não é uma busca desenfreada pelo melhor entendimento dela, mas sim a falta de entendimento do que ela diz e ensina. Há, obviamente, alguns exagerados, desenfreados por descobrir o que está oculto, mas eles são minoria, ou seja, o problema ainda não é a abundância de conhecimento bíblico, mas a escassez deste.

**Por quais razões devemos interpretar o texto ao invés de apenas lê-lo?**

Por que interpretar, então? Por que não ler, simplesmente? O significado claro não provém de uma simples leitura? Em certo sentido, sim. Contudo, em um sentido mais preciso, semelhante argumento é tanto ingênuo quanto irreal por causa de dois fatores: a

natureza do leitor e a natureza da Escritura.

A primeira razão por que precisamos aprender como interpretar a Bíblia é que todo leitor — quer queira, quer não — é ao mesmo tempo um intérprete; ou seja, a maioria de nós assume que, quando lemos, também entendemos o que lemos. Nós sempre interpretamos o que lemos. A tese principal deste artigo não é tanto “interpretar ou não interpretar?”, como leva a crer o título, mas, sim, “interpretar corretamente ou equivocadamente?”. Devemos interpretar o texto para descobrir o que ele realmente significa ou devemos continuar interpretando o texto de maneira a fazê-lo falar aquilo que desejamos que ele fale?

No caso da Bíblia, temos também a tendência de pensar que nosso entendimento é a mesma coisa que a intenção do Espírito Santo ou do autor humano. Apesar disso, do mesmo modo, levamos para o texto tudo quanto somos, com todas as nossas experiências, cultura e entendimento prévio de palavras e ideias. E é aqui que mora o problema, pois, às vezes, aquilo que levamos para o texto nos desencaminha ou nos leva a atribuir ao texto ideias que lhe são estranhas, mesmo quando isso não é a nossa intenção.

Uma razão mais significativa para a necessidade de interpretação acha-se na

natureza da própria Escritura. Historicamente, a igreja tem compreendido a natureza da Escritura de maneira muito semelhante à sua compreensão da pessoa de Cristo — a Bíblia é, ao mesmo tempo, humana e divina. “*A Bíblia*”, como tem sido dito de forma correta, “*é a Palavra de Deus apresentada em palavras humanas na história*”. E essa dupla natureza da Bíblia que exige da nossa parte a tarefa da interpretação. Humanamente falando, ela é um livro histórico, que registra fatos históricos, e que foi escrito para pessoas específicas, em contextos específicos. Divinamente falando, no entanto, a Bíblia é revelação de Deus, divinamente inspirada, a Verdade absoluta, com aplicações universais.

### **O significado claro do texto**

É claro que há obstáculos na tarefa da interpretação bíblica. Para alguns irmãos, a questão, sim, já não é compreender, mas obedecer, colocar em prática — eles compreendem, mas não praticam.

Também concordamos que há uma inclinação demasiada de muitos destes em primeiro escavar, e só depois olhar para o texto, o que acaba por encobrir o significado claro, que frequentemente está na superfície.

No entanto, diferente desses casos, a realidade é que a grande maioria dos cristãos

ainda precisa aprender a interpretar corretamente a Palavra de Deus. É claro o ensinamento bíblico de que o verdadeiro crente vive em busca de entender mais e mais à Bíblia, porque é através dela que o Senhor lhe fala e lhe conduz. A necessidade de interpretar, de se chegar ao significado claro do texto, traduz, portanto, um só desejo: glorificar a Deus. Ou seja, o ingrediente mais importante para cumprir essa tarefa, e que nunca podemos deixar de lado, é a interpretação. Se nos negamos a empreender uma jornada interpretativa da Bíblia, corremos o sério risco de nos afastarmos drasticamente do que Deus falou de fato. E é por isso que o teste final de uma boa interpretação está em saber se esta expõe o correto sentido do texto. A interpretação correta tanto produzirá edificação e convicção na mente, quanto gerará emoções sólidas e sentimentos saudáveis no coração.

Um texto não pode significar o que nunca significou. Ou, pensando em tal fato de um lado positivo, o significado verdadeiro do texto bíblico para nós é o que Deus originalmente pretendeu que significasse quando o texto foi falado/escrito pela primeira vez. Infelizmente, nem sempre esse entendimento é tão comum assim. Queremos saber o que a Bíblia significa **para nós** — e isso é certo. No

entanto, não podemos fazê-la significar o que nos agrada, e depois dar os “créditos” ao Espírito Santo. Ou o significado é o que Ele quis dizer, ou estamos nos iludindo, enganando a nós mesmos e, talvez, a outros cristãos.

O Espírito Santo não pode contradizer a si mesmo; afinal, foi ele que inspirou a intenção original. Assim, a ajuda do Espírito é nos conduzir à descoberta da intenção original, e nos orientar nos momentos em que procuramos fielmente aplicar o significado à nossa própria realidade. Ele não dá novas revelações sobre o texto, antes, ilumina o texto para que possamos compreender o seu significado correto e suas aplicações diversas. De outra forma, os textos bíblicos podem ser forçados a significar tudo quanto significam para qualquer leitor determinado. Tal interpretação, no entanto, torna-se pura subjetividade, e quem, pois, vai dizer que a interpretação de uma pessoa é certa, e a de outra pessoa, errada? Nesse ponto, qualquer coisa serve.

### **Que método usar para interpretar?**

De fato, o mesmo Espírito que inspirou a escrita da Bíblia pode igualmente inspirar nossa leitura dela. Em certo sentido, isso é verdade, e não pretendemos com este artigo tirar de pessoa alguma a alegria da leitura devocional

da Bíblia e o senso de comunicação direta envolvido em tal leitura. Mas a leitura devocional não é o único tipo de leitura que se deve praticar. Devemos também ler para aprender e compreender. Em suma, você deve também aprender a estudar a Bíblia, estudo este que, por sua vez, deve ser sua base na leitura devocional.

Sendo assim, o método que deve ser utilizado para se interpretar a Bíblia, a fim de que se entenda o que está sendo lido, precisa procurar entender o que os autores originais — seja Moisés ou o apóstolo Paulo — queriam dizer. Isso se alcança ao estudarmos o contexto gramatical e histórico da passagem. E “contexto, contexto, contexto” é a regra de ouro para a interpretação do texto.

Em **primeiro lugar**, devemos evitar a leitura do texto a partir de nossas próprias experiências e ideias, mas antes devemos procurar determinar o significado pretendido pelos autores — o que deve ser o objetivo de todos os intérpretes da Escritura. A partir disso, numa leitura devocional, por exemplo, a experiência com Deus deve vir da Bíblia para nós, nunca deve ir de nós para a Bíblia. Do contrário, se imprimirmos na Bíblia o significado que queremos, estaremos tendo nada mais

que uma experiência com nós mesmos.

Em **segundo lugar**, porque as palavras só têm significado se forem compreendidas em sintonia com o seu contexto, precisamos conhecer os contextos imediato e remoto do que está sendo lido. Imagine que você está lendo uma passagem bíblica. Você deseja compreender o que ela está ensinando? Para isso precisa interpretá-la. Algumas perguntas que devem ser respondidas são:

**a) o que** o restante do capítulo e do livro ensinam (contexto imediato)?

**b) o que** os demais textos da Bíblia, que tratam do mesmo tema, ensinam (contexto remoto)?

**c) algum escritor** bíblico já forneceu a interpretação e aplicação corretas para este texto (situação que vemos acontecer frequentemente no Novo Testamento em relação à passagens do Antigo Testamento)?

Em **terceiro lugar**, porque a Bíblia é um documento histórico, a cultura e os costumes bíblicos, bem como o momento histórico que estava sendo vivido quando aquele livro foi escrito e lido pela primeira vez, se tornam parte vital de nosso entendimento do significado da Escritura. Para se inteirar destas coisas,



obviamente você vai precisar pesquisar.

---

#### NOTA

Este artigo foi baseado inteiramente nas lições ensinadas nos primeiros dois capítulos do livro *Entendes o que lê?* (São Paulo: Vida Nova, 2011), de Gordon Fee e Douglas Stuart.

Pequenos trechos do livro foram inseridos em sua forma original e/ou adaptados para convergirem com a proposta do artigo.

---

# A Bíblia deve ser toda lida literalmente? [A Bíblia e os gêneros literários]



**Marcos Motta**, 28 anos, é editor-chefe de Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Lajeado - RS, é estudante autodidata de teologia, e autor do livro *Não Estamos Derrotados: A Verdadeira Vitória* (2017). Na igreja local, coopera como pregador, e também como músico, cantor e compositor. Casado com Talita Motta.

**E**xistem muitas pessoas que desejam crescer no conhecimento de Deus e, com isso, avançar na caminhada cristã, mas não sabem como ler e entender a Bíblia, ao mesmo tempo em que admitem e creem em sua autoridade como Palavra de Deus.

Uma pergunta muitíssimo importante, nessa altura é: *a Bíblia deve ser toda lida literalmente?*

A leitura bíblica predominante no meio cristão se utiliza de uma abordagem inteiramente literalista dos textos bíblicos, o que faz com que seus adeptos – que são leitores da Bíblia – arroguem para si a suprema ortodoxia na interpretação, presumindo que, por praticarem uma leitura literal

do texto, estão, ao mesmo tempo, honrando mais ao Senhor do que aqueles que leem o texto utilizando-se de outros métodos. Todavia, ler literalmente o texto bíblico sem avaliar se tal tipo de leitura faz jus ao gênero inspirado, faz com que estes irmãos sejam nada mais que literalistas.

O problema é que o uso deste método leva a uma interpretação equivocada de muitas passagens bíblicas, as quais possuem claros e evidentes simbolismos e um sentido não-literal, como acontece, por exemplo, com Apocalipse 20.

### Gêneros literários

A questão é que cada parte da Bíblia possui um gênero literário predominante. Isso quer dizer que, embora o gênero predominante na Bíblia toda seja a narrativa, que é um

gênero que deve ser lido literalmente, este não é o único gênero que pode ser encontrado nela. Em suas partes, ela contém hinos, códigos legais, parábolas, profecias, literatura de sabedoria, literatura apocalíptica, entre outros. O que aprendemos com isso é que o gênero de cada bloco de texto determina o método de interpretação.

Essa ideia de que se deve relacionar cada gênero a um método peculiar de interpretação não é estranha ao pensamento bíblico. Pelo contrário, os próprios autores bíblicos revelam ter consciência da diversidade de gêneros contidos na Escritura, assinalando que essa diversidade é resultado de modos variados de inspiração: “No passado, por meio dos profetas, Deus falou aos pais muitas vezes e de muitas maneiras” (Hebreus 1.1). Esse

autor, por exemplo, tem consciência da existência, na Escritura, de modos diferentes de inspiração.

Em Números 12, há o fato de que Deus falava a Moisés *“claramente, e não por enigmas”*. Em contraste com os sonhos e visões dos profetas, que precisavam de interpretação, a mensagem de Moisés era comunicada a ele de forma clara e direta, como é o caso da Lei. Em que essa passagem nos instrui quanto à leitura e interpretação bíblica? Os diferentes tipos de inspiração levavam a diferentes modos de interpretação daquilo que Deus falou. De maneira implícita, essa passagem instrui os leitores a adotarem métodos e abordagens

diferentes na hora de interpretar aquilo que Deus falou.

### **A Bíblia não deve ser interpretada toda da mesma maneira**

A revelação dirigida a Moisés era clara e direta. Os materiais proféticos, por sua vez, exigem reflexão mais cuidadosa, pois estão em forma de enigmas e alegorias, tendo uma natureza simbólica, semelhante ao que acontece com os sonhos. Essa natureza simbólica torna-se ainda mais vigorosa na literatura apocalíptica, como é o caso de Daniel e Apocalipse.

Em suma, nossa teologia baseia-se no alicerce seguro da Bíblia — revelação divina inspirada pelo Espírito e

expressa em linguagem humana. Chega-se ao entendimento dessa revelação mediante o discernimento espiritual e o uso apropriado de estratégias de leitura para cada um de seus gêneros. Se os autores da Bíblia tiveram diferentes modos de inspiração, dessa maneira, também devemos adotar diferentes estratégias de interpretação, conforme o gênero inspirado por Deus.

O método de interpretação não deve ser necessariamente literalista, isto é, não devemos ler o texto sempre literalmente, mas somente quando a literalidade faz parte do gênero daquela passagem que estamos lendo.

---

# Alergia ao termo "doutrina" - faz sentido?



**Marcos Motta**, 28 anos, é editor-chefe de Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Lajeado - RS, é estudante autodidata de teologia, e autor do livro *Não Estamos Derrotados: A Verdadeira Vitória* (2017). Na igreja local, coopera como pregador, e também como músico, cantor e compositor. Casado com Talita Motta.

*“Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da salvação comum, tive por necessidade escrever-vos, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos.”* (Judas 1:3)

**P**ara muitas pessoas, palavras como **teologia**, **doutrina** e **ortodoxia** são quase totalmente sem sentido; talvez, desagradáveis e, até, repelentes. **Teologia** parece entediante. **Doutrina** é algo sobre o que as pessoas rudes contendem. Muitos cristãos teriam dificuldade em dizer qualquer coisa além de que a **ortodoxia** traz à mente imagens de igrejas antigas guardadas por homens idosos e

de poucos cabelos que são ranzinzas e zangados.

No que se refere ao termo **“doutrina”**, porque ele foi utilizado por muito tempo e em muitas igrejas com relação a métodos de controle e repressão aplicados por pastores incautos e néscios, hoje, muitas pessoas ficam de **“cabelos em pé”**, não suportando sequer ouvi-lo da boca de alguém ou lê-lo em algum material de leitura.

Posso relacionar-me com essa perspectiva. Já fiz parte dela. Mas, descobri que meu preconceito, minha **“alergia à teologia”** era infundada.

### O caso de Judas

Judas tinha um propósito ao escrever a sua epístola – mencionamos o versículo 3 no início do artigo. Por causa da situação que os crentes destinatários enfrentavam,

Judas decidiu escrever-lhes sobre a necessidade de defesa da fé que os unificava. Havia algumas pessoas que **“se introduziram com dissimulação”** entre eles (Judas 4). Não está perfeitamente claro quem essas pessoas eram – elas simplesmente vieram para dentro da igreja. Ao que parece, dada a linguagem usada por Judas, seus leitores sabiam pelo menos alguma coisa sobre esse grupo e seus ensinamentos. Ainda assim, esse grupo passou despercebido, e começou a influenciar alguns crentes na igreja.

Alguns dos que foram influenciados, aparentemente, começaram a duvidar da fé, e outros estavam perigosamente próximos de sucumbir totalmente (v. 22-23). Assim, os que sorrateiramente haviam se introduzido estavam também conduzindo operações dissimuladas entre esses cristãos para, se possível,



subverter e destruir a fé na qual a igreja estava edificada. Por isso, Judas os exorta: batalhem pela

*“fé que uma-vez-por-todas-foi-entregue-aos-santos”.*

Nisso, precisamos compreender o que Judas entende por “a fé”.

### **A fé que uma-vez-por-todas-foi-dada aos-santos**

Na maioria das vezes em que usa a palavra fé, a Escritura se refere à nossa fé como um dom de Deus (Efésios 2:8). Fé, neste contexto, é algo interno. Esta é a forma mais frequente com que o Novo Testamento usa a palavra. Tal fé pode ser grande ou pequena (compare Mateus 15:28 com 16:8). Ela moveu o Salvador a curar (veja Marcos 2:5; 5:34). Pode ser forte ou fraca (Romanos 4:19-20). Enfim, quando as Escrituras falam da fé desta maneira, estão se referindo àquele dom de Deus que é aplicado e exercido por nós. Esta fé é aplicada e exercida, inicialmente, em nossa conversão, e continua a ser exercida por nós em nossa caminhada cristã (o que as Escrituras chamam de santificação). As Escrituras enfatizam esse tipo de fé porque ele é uma parte crucial e muito importante de nossa experiência cristã.

O aspecto da fé a que Judas se refere, porém, não é fundamentalmente o aspecto

interno da nossa fé. A fé a que Judas se refere não é a fé que temos em Cristo ou a fé forte ou fraca presente em nós; antes, é algo que está fora de nós. É “a fé”, e é uma coisa completamente diferente. Os crentes para quem ele estava escrevendo haviam se comprometido com essa fé, e era por essa fé externa que eles travariam o combate.

O ponto em disputa era a verdade das Escrituras; mais especificamente, aquelas verdades que compõem o Evangelho, as doutrinas. Esta é a fé aqui. Encontramos essa fé externa mencionada também no livro de Atos. Em Atos 6.7 nos é dito que “*se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé*”. Aqui, a fé de que se fala é um tipo de padrão, uma régua, a que os cristãos se tornam obedientes. Em outros lugares, a fé é algo em que os cristãos devem ficar firmes (Atos 14:22) e ser fortalecidos (Atos 16:5). Quando as Escrituras aludem “à fé” desta maneira, estão se referindo a um corpo de verdades ou doutrinas em que passamos a crer quando confiamos em Cristo. Embora elas não estejam se referindo à minha crença em si, estão relacionadas à minha crença no fato de que eu me comprometi com essas verdades.

A fé, neste sentido, é aquilo pelo que devo estar disposto a morrer. Ela inclui o próprio

evangelho que nos salva (Romanos 1:16). É a fé na qual passamos a crer. “A fé”, portanto, era um modo de se referir às verdades em que os cristãos acreditavam – as doutrinas. Há certas verdades em que cada cristão deve crer para ser cristão. Embora apenas crer que essas coisas são verdadeiras não torne uma pessoa cristã, não se pode ser cristão sem essas crenças.

Esse corpo de verdades é chamado de

*“a fé que uma-vez-por-todas-foi-entregue-aos-santos”.*

Inclui coisas como a verdade das Escrituras, a existência de Deus e a encarnação, morte e ressurreição de Cristo. Inclui o fato de que Deus salvou seu povo, que Cristo virá novamente, e muitas outras. Essas verdades são cruciais para a vida da igreja. Sem essas verdades a igreja não teria como ajudar e ministrar àqueles que buscam crescer na graça. Quando falamos delas, estamos dizendo algo sobre o conteúdo da verdade da nossa crença. Estamos declarando a fé. É por tal coisa que a audiência de Judas deveria batalhar. E é por tal coisa que nós mesmos devemos batalhar.

**Devemos batalhar pelas doutrinas que uma vez por todas foram dadas aos santos**

Escrevemos muito acerca da necessidade que existe de os cristãos estudarem

diligentemente a Bíblia, de conhecerem a teologia e as doutrinas. Mas, não escrevemos que, mais do que conhecerem, eles precisam batalhar por elas.

**Teologia e doutrina** são importantes porque Deus é real e tem agido em nosso mundo. E suas ações têm significado hoje e por toda a eternidade. Há beleza na teologia cristã. Sã doutrina está no centro do amar a Jesus com paixão e autenticidade. Ortodoxia não é somente para homens velhos que anelam contemplar a Deus, que é maior, mais real e mais glorioso do que a mente humana possa imaginar.

### **Doutrina e relacionamento**

A ironia da questão é esta: as coisas que são necessárias em nosso relacionamento com Deus, e pelas quais anelamos, estão inseridas nas próprias coisas das quais temos certeza que não nos farão qualquer bem. A maioria de nós não

entende que palavras aparentemente desgastadas como **teologia, doutrina e ortodoxia** são o caminho para a maravilhosa experiência, cheia de temor, de conhecer verdadeiramente a Jesus Cristo. Elas contam a história da Pessoa que anelamos conhecer.

Ser um cristão significa ser uma pessoa que trabalha, que batalha, para estabelecer suas crenças, seus sonhos, suas escolhas e seu ponto de vista acerca do mundo sobre a verdade de quem é Jesus e o que Ele fez – um cristão que se importa com a verdade, que se importa com a **sã doutrina**.

**Doutrina**, então, é apenas uma palavra sem encanto que representa as verdades sobre as quais devemos edificar nossa vida – verdades sobre as quais todos teríamos dúvidas e não saberíamos se não tivéssemos a Bíblia. A **doutrina cristã** é o ensino cristão a respeito de certo número de assuntos abordados nas Escrituras:

Deus, pecado, Jesus, céu, inferno, a ressurreição... e assim por diante.

Talvez você nunca pensou em doutrina neste sentido. No entanto, vir a Jesus e ouvir suas palavras, e se relacionar com Ele, envolve doutrina. Envolve conhecer e entender o que a Bíblia ensina a respeito de quem Jesus é, por que precisamos dele, como Ele nos salva e nos muda. Em outras palavras, envolve conhecer a verdade teológica.

---

#### **NOTA**

Trechos do livro *Cave Mais Fundo* (São José dos Campos-SP: Editora FIEL, 2011), de **Joshua Harris**, páginas 35, 36 e 41, e do livro *A Batalha pertence ao Senhor* (Brasília-DF: Editora Monergismo, 2013), de **K. Scott Oliphint**, versão para Kindle, páginas 44 a 48 e 54 a 58, foram inseridos ao longo do texto em sua forma original e/ou adaptados para convergirem com a proposta do artigo.

---

# A revelação é progressiva

**E**m qualquer bom enredo, o início sempre faz mais sentido depois que terminamos de ler o último capítulo. Da mesma forma, ler o Novo Testamento nos ajuda a compreender o significado original e pretendido do Antigo Testamento.

A Bíblia não nos foi entregue em um único momento, mas progressivamente, pouco a pouco, por 40 autores ao longo de 1.600 anos. Ela começou com os escritos de Moisés e continuou a ser revelada até os dias de Cristo e dos apóstolos. O cânon foi concluído no fim do primeiro século com o livro do Apocalipse.

A compreensão da natureza progressiva da revelação bíblica é essencial porque à medida que uma nova revelação vinha, ela não apenas desenvolvia a linha da história, mas trazia maior clareza e discernimento sobre as partes anteriores da história.

Por exemplo, aprendemos mais sobre a promessa que Deus fez a Adão e Eva em

Gênesis 3:15 a respeito da descendência da mulher quando lemos sobre Cristo morrendo na cruz. Ler sobre a morte de Cristo nos Evangelhos não muda o significado original da promessa em Gênesis; simplesmente acrescenta clareza ao Evangelho que foi originalmente prometido à primeira geração de pecadores.

Com isso em mente, vamos considerar várias razões pelas quais devemos usar essa última revelação para entender o significado original e pretendido da revelação anterior — especialmente usando o Novo Testamento para entender o Antigo Testamento:

1. Porque toda Escritura é inspirada por Deus e tem um único Autor.
2. Porque há uma única linha da história, ou metanarrativa, que se concentra em torno do Evangelho de Jesus Cristo — conhecida como a história da redenção.

3. Porque a história da redenção é progressiva.

4. Por causa da analogia da fé, que é o princípio bíblico que diz que a Escritura deve interpretar a Escritura.

5. Porque a nossa compreensão das alianças (e sua relação entre si) molda nossa compreensão da Escritura.

### Inspiração divina

Se a Bíblia (como uma coleção de livros que foi escrita por quase quarenta autores diferentes ao longo de milhares de anos) não fosse inspirada, não deveríamos esperar uma mensagem unificada. Se fosse apenas o produto de homens falíveis trabalhando sob a luz obscura de seus próprios contextos culturais e históricos, então naturalmente esperaríamos que os vários livros estivessem cheios de contradições.

Para entender o significado de qualquer autor não inspirado, precisamos resistir a filtrar o que esse autor disse através das lentes de outros autores. Se

não houvesse um autor divino, os escritos do apóstolo Paulo, por exemplo, só deveriam ser entendidos à luz do *corpus paulino*. Além disso, sem inspiração divina, o modo como Paulo entendia Moisés não deveria influenciar tanto a nossa compreensão sobre Moisés. Sem inspiração, não poderíamos ter certeza de que Paulo entendeu Moisés corretamente. Como seria ingênuo interpretar *A Odisseia*, escrita em grego antigo, através dos escritos de Shakespeare, escritos em inglês elizabetano, seria impróprio usar o Novo Testamento para entender o Antigo Testamento.

Isso seria verdade se a Bíblia não tivesse um único Autor, a saber, Deus. Mas a Bíblia não é como qualquer outra coleção de livros. Cada livro da Bíblia foi inspirado por Deus (2 Timóteo 3:16). Assim, devemos abordar a Bíblia com a convicção de que ela, do início ao fim, é a Palavra de Deus — que toda a Escritura está livre de erro ou contradição.

Nós rejeitamos a noção de que o livro de Isaías deve ter sido escrito por dois autores distintos em dois momentos diferentes, devido à suposta impossibilidade de Isaías conhecer o nome e as atividades de Ciro, rei da Pérsia, cento e cinquenta anos antes do nascimento de Ciro (Isaías 44:28-45:1). Não temos nenhum problema em aceitar

as profecias e milagres da Bíblia porque cremos que a Bíblia é a Palavra de Deus. Assim, por causa da inspiração, não temos nenhum problema em compreender as profecias do Antigo Testamento à luz de suas explicações e cumprimentos no Novo Testamento.

### **A natureza progressiva da Revelação**

A narrativa bíblica foi revelada progressivamente. Embora o fundamento da história da redenção tenha sido estabelecido nos primeiros capítulos de Gênesis, o desenvolvimento completo da história foi sendo revelado pouco a pouco ao longo dos milhares de anos seguintes. Ao olharmos cronologicamente através de cada livro da Bíblia, a linha do enredo fica mais densa e aprendemos algo mais sobre a história da redenção.

À medida que passamos pela narrativa bíblica, aprendemos mais sobre a serpente e a descendência da mulher. Aprendemos mais sobre a natureza de Deus e sobre o que ele requer do homem. Vemos até que ponto o homem caiu em Adão e que desesperança existe no mundo. Aprendemos cada vez mais sobre a beleza do Evangelho até recebermos a palavra final de Deus na pessoa e na vida do seu Filho (Hebreus 1:2).

É apenas até vermos a Cristo no Novo Testamento que

vemos a plena revelação de Deus. Por essa razão, o Senhor disse: “*Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que vós ouvis, e não o ouviram*” (Mateus 13:17). João Batista foi o maior dos profetas da Antiga Aliança, não porque ele era fisicamente mais forte ou mais inteligente do que os demais profetas. Ele era o maior simplesmente porque ele era o último deles. Isso o tornou o maior porque o fez mais conhecedor do que todos os outros profetas da Antiga Aliança. João Batista conseguiu ver algo que nenhum dos outros profetas que vieram antes dele conseguiu: a vida e o ministério do Messias. Este conhecimento imediato de Cristo superou de longe o conhecimento de todos os outros profetas da Antiga Aliança. No entanto, como disse Jesus Cristo, o menor santo do Novo Testamento tem ainda maior clareza e compreensão da verdade do que João Batista (Lucas 7:28).

Segundo Pedro, até mesmo os profetas do Antigo Testamento sabiam que suas profecias teriam maior benefício para os santos do Novo Testamento: “*Aos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós*” (1 Pedro 1:12). Por consequência, devido à natureza progressiva da revelação divina, é essencial que busquemos entender a revelação anterior à luz da



revelação posterior. Mais importante, porque o Novo Testamento é a palavra final de Deus, é importante compreender o Antigo Testamento à luz do Novo Testamento.

Como Agostinho afirmou de modo célebre: *“O Novo Testamento está no Antigo Testamento velado; o Antigo está no Novo revelado”*. Mas isso não significa que o Novo Testamento reinterpreta o significado original, gramatical e histórico do Antigo Testamento. Ao contrário, o Novo Testamento oferece uma visão divina do significado original e pretendido dos autores do Antigo Testamento.

Quando o apóstolo Paulo diz, por exemplo, que o descendente prometido de Abraão é Cristo, podemos saber com certeza que esse era quem Deus sempre teve em mente quando prometeu a Abraão um descendente em Gênesis 17. E quando o autor

de Hebreus nos diz que Abraão buscava uma cidade celestial cujo artífice e construtor era Deus (Hebreus 11:10), podemos saber com certeza que uma cidade celestial era o que Deus tinha em mente quando ele chamou Abraão de sua própria terra para caminhar todos os seus dias como peregrino e estrangeiro neste mundo.

Em outras palavras, o Novo Testamento é o próprio comentário de Deus sobre o Antigo Testamento. Há aproximadamente 353 citações diretas do Antigo Testamento no Novo, o que compõe cerca de 5% do Novo Testamento. Além disso, milhares de alusões ao Antigo Testamento estão no Novo, o que constitui cerca de um terço dele. Portanto, o Novo Testamento não é construído apenas sobre o Antigo Testamento, ele explica, interpreta e aplica o Antigo Testamento.

Mesmo que o Novo Testamento não reinterprete o

significado original do Antigo Testamento, ele acrescenta luz e clareza. Os sacrifícios, o templo, a nação de Israel, e outras coisas do gênero, recebem seu significado mais completo e tipológico no Novo Testamento.

Assim, interpretar o Antigo Testamento inteiramente por regras históricas e gramaticais independentes da luz do Novo Testamento é ignorar a visão e a inspiração dos autores neotestamentários. Por essa razão, seria insensato para nós, agora que temos acesso ao Novo Testamento, procurar compreender plenamente o Antigo Testamento sem lê-lo através das lentes do Novo Testamento.

---

#### Nota

Trecho extraído do livro *Os 5 Pontos do Amilenismo* (2021), de Jeffrey D. Johnson, publicado no Brasil por O Estandarte de Cristo.

---

# Introdução à Escatologia

*Quais princípios devo saber para entender o que a Bíblia diz sobre o fim dos tempos?*



**Marcos Motta**, 28 anos, é editor-chefe de Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Lajeado - RS, é estudante autodidata de teologia, e autor do livro *Não Estamos Derrotados: A Verdadeira Vitória* (2017). Na igreja local, coopera como pregador, e também como músico, cantor e compositor. Casado com Talita Motta.

**Q**uando e como se dará a Segunda Vinda de Cristo? O que a Segunda Vinda de Cristo representa para o povo de Deus e para a humanidade? Haverá um arrebatamento secreto? E o Anticristo? Como devemos entender a Grande Tribulação? Quais as características do Milênio? A nação de Israel será restaurada? Todas estas perguntas (e muitas outras) não serão respondidas neste artigo – porque todas estas perguntas, a maneira como as construímos, bem como suas respostas, dependem do modo como abordamos as profecias bíblicas, a literatura apocalíptica e a interpretação apostólica do que o Antigo Testamento anuncia que acontecerá nos últimos dias. Portanto, para fazermos as perguntas certas e recebermos

as respostas bíblicas para elas, devemos seguir alguns princípios que a própria Escritura estabelece.

Aqueles que estudam as profecias bíblicas muitas vezes caem em um de dois extremos, refletindo uma de duas perspectivas: por um lado, há aqueles que veem os textos proféticos como algo que nos fornece informação suficiente através da qual podemos determinar detalhes específicos sobre o que o futuro reserva, como se a Bíblia fosse algo parecido com uma bola de cristal. Segundo esta visão, parece que realmente encontramos na Bíblia muitas explicações que revelam até o menor dos detalhes sobre o futuro. Por outro lado, há aqueles que leem a profecia como se ela fosse o trabalho de um pintor que apenas quer revestir uma parede com tinta nova, mas sem se ater aos detalhes – seu projeto é cobrir

o maior espaço de parede possível com pinceladas largas – o trabalho desse “pintor” é apenas estabelecer os princípios gerais, pinceladas largas que revelam como este mundo será conduzido à sua consumação em Cristo, mas sem muitos detalhes. Embora exista uma certa legitimidade em ambas as abordagens, nenhuma das duas é inteiramente adequada.

Considerando que a tendência é exigirmos uma precisão fotográfica quase que objetiva de passagens que são em grande parte simbólicas, podemos facilmente avançar para um subjetivismo escorregadio que trata a Bíblia como uma obra de arte impressionista. Certamente não pretendemos fornecer um remédio abrangente para este problema, como se num pequeno artigo fosse possível articularmos todos os princípios que nos ajudam a

interpretar a Palavra de Deus. O que pretendemos, no entanto, com este artigo, é estabelecer cinco pressupostos hermenêuticos básicos que nos ajudarão nesta tarefa de entender as profecias que dizem respeito ao futuro (e ao presente) do povo de Deus – o que nos levará a perguntar corretamente e a encontrar respostas inteiramente bíblicas para nossas perguntas.

## **1. O cumprimento das profecias feitas a Israel no Antigo Testamento acontece na pessoa e obra de Jesus Cristo, e na Igreja**

A tese central, o primeiro princípio, que controla todo o restante, e que emerge inteiramente do texto bíblico, sendo justificada por ele, é que o cumprimento da esperança profética de Israel retratada nos documentos do Antigo Testamento é encontrado na pessoa e obra de Jesus Cristo, e na Igreja, seu “Corpo crente”, à qual Ele estabeleceu em Sua primeira vinda. O ponto aqui é que Jesus Cristo e sua Igreja são o ponto focal e terminante de todas as profecias. O foco do Antigo Testamento, então, não está em Israel, antes, está no Messias. Isto pode soar um tanto complicado de início – é uma primeira impressão bastante chocante. Mas, é a verdade transbordante nos textos neotestamentários.

É claro que a maioria dos cristãos concorda prontamente que Jesus é o centro ou ponto focal de toda a revelação bíblica, que o Antigo Testamento foi um prefácio de Sua pessoa e obra, e que é o propósito do Pai *“tornar a congregar em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra”* (Efésios 1:10). Todavia, devemos ter em mente algo muito mais específico quando falamos do cumprimento das profecias, algo muito mais abrangente em termos de como o Antigo Testamento encontra a sua consumação e cumprimento na pessoa de Cristo e em Seu corpo, a Igreja.

**Síntese 1:** no Novo Testamento, aprendemos que a maioria das profecias escatológicas que aparentemente dizem respeito tão somente ao Israel étnico (segundo a carne), se cumprem definitivamente em Cristo e em Sua Igreja.

## **2. Enquanto o Antigo Testamento via a consumação dos propósitos redentores de Deus como devendo acontecer em um derradeiro e único ato, os autores do Novo Testamento retratam esta consumação como acontecendo em duas fases**

O princípio anterior não deve nos levar a negligenciar a verdade igualmente legítima de que, enquanto o Antigo Testamento olhava para a consumação dos propósitos redentores de Deus como devendo acontecer em um derradeiro e único ato, os autores do Novo Testamento retratam esta consumação como acontecendo em duas fases – e entre elas. Isto é frequentemente visto no Novo Testamento e é conhecido teologicamente como uma “sobreposição” das eras. Nesse sentido, a consumação do propósito redentor de Deus já começou em Cristo, mas ainda permanecemos numa era maligna. Alguns se referiram a isso como a “inauguração do fim”. Em Cristo, Deus agiu para “cumprir” Sua promessa profética, mas a “consumação” só virá quando Cristo vier pela segunda vez. Assim, enquanto os profetas e o povo de Deus do Antigo Testamento aguardavam por um cumprimento único das profecias, o Novo Testamento contempla um cumprimento progressivo das promessas de Deus, ou seja, a história humana reflete uma tensão entre o que se realizou no primeiro advento de Cristo e a consumação que se espera para o segundo advento, a chamada Segunda Vinda. Desta forma, vivemos na *“presente era má”*, mas já participamos, em parte, das glórias da *“era vindoura”*, isto é, há uma tensão entre o que “já” foi cumprido (ou, pelo menos, que já foi parcialmente

inaugurado) e o que “ainda não” foi consumado. Exemplos disso abundam, mas aqui estão apenas alguns:

- ✚ A salvação é agora, mas também está no futuro (Efésios 2:8; Romanos 5:10)
- ✚ A justificação é agora, mas também no futuro (Romanos 5:1; Romanos 2:13)
- ✚ Fomos adotados na família de Deus como Seus filhos, mas nossa adoção também está por vir (1 João 3:1; Romanos 8:23)
- ✚ De certa forma, já fomos ressuscitados com Cristo, mas a ressurreição também é futura (Efésios 2; Romanos 6; Filipenses 3; 1 Coríntios 15)
- ✚ Já fomos glorificados, mas ainda seremos glorificados (Romanos 8:30; Filipenses 3; 1 João 3)
- ✚ Já fomos redimidos, mas a redenção ainda é futura (Efésios 1:4; Romanos 8:23; 13:11)
- ✚ Os crentes regenerados já são e desfrutam de uma “nova criação” (2 Coríntios 5:17), enquanto, por outro lado, ainda aguardamos os *novos céus e nova terra* no retorno de Jesus.

Assim, quando lemos o Antigo Testamento, devemos levar em conta que os autores inspirados por Deus colocavam os eventos proféticos em estreita proximidade, como se eles

fossem acontecer simultaneamente ou em uma rápida sucessão. O fato, no entanto, é que, como o Novo Testamento e a história provaram, os eventos que cumprem as profecias são frequentemente separados por intervalos significativos de tempo. Isto tem sido muitas vezes chamado de “prefácio profético”.

Segundo Donald Garlington, a ilustração clássica é a do advento do Messias. Os profetas do Antigo Testamento, olhando para o futuro, enxergaram apenas uma vinda, sem uma distinção entre duas fases dessa vinda. Por outro lado, o que é declarado, imaginado e esperado por eles como devendo acontecer de uma vez por todas nos “*últimos dias*”, é realizado ao longo de uma extensão de tempo que já perdura por praticamente dois milênios – isto é, entre a Primeira e a Segunda vindas do Messias. Portanto, à luz do Novo Testamento, podemos discernir que a vinda do Messias, bem como muitas das principais profecias registradas no Antigo Testamento, se espalham entre duas etapas de cumprimento, as quais correspondem à inauguração e à consumação dos propósitos escatológicos de Deus, respectivamente.

**Síntese 2:** a ideia de que as profecias bíblicas concernentes aos últimos tempos se cumprirão apenas em um

momento final, no futuro, deve ser substituída pelo conceito bíblico de que os “últimos dias” iniciaram com a Primeira Vinda de Cristo, bem como o cumprimento das profecias bíblicas que dizem respeito a esta era do fim dos tempos.

### 3. O Novo Testamento é o padrão de interpretação das expectativas escatológicas do Antigo Testamento

Não raro, vemos notícias na mídia cristã [e não cristã] ventilando a declaração ou o comentário de algum rabino judeu sobre os eventos que nos aproximam do fim dos tempos – situação geralmente causada por algum evento militar no Oriente Médio ou por alguma catástrofe natural em algum lugar do planeta. É comum levarmos em conta tais declarações como tendo suma importância para a fé cristã, de maneira que anexamos tais falas como se fossem verdadeiramente algo relevante para nossa escatologia. No entanto, devemos ressaltar que, à luz do Novo Testamento, o judeu não cristão nada tem a nos dizer sobre a escatologia cristã ou pouco pode acrescentar às nossas esperanças escatológicas visto que este judeu vive uma vida à espera de um Messias que ainda não veio – isto é, para ele, Cristo não é e jamais foi o Messias prometido, o Filho de Deus



enviado pelo próprio Deus em favor do Seu povo.

Apesar de que a escatologia e a esperança cristã herdaram muito dos escritos judaicos inspirados, edificando a partir deles, como num *continuum*, os cristãos, aprendendo do Novo Testamento e seus autores também inspirados, precisam e devem olhar e interpretar as profecias para os “*últimos dias*” à luz do fato de que Cristo já veio. Para os escritores neotestamentários, o fim dos tempos [e os eventos relacionados a ele] esperado pelos judeus como algo que deve acontecer em um único e derradeiro ato [o qual, para eles, ainda não aconteceu, pois não aceitam a Cristo como o Messias], já teve início e caminha para a sua consumação.

O Novo Testamento é, portanto, o padrão de interpretação, a regra a partir da qual devemos abordar a expectativa escatológica do Antigo Testamento – se olharmos para as Escrituras com os “óculos judeus” estaremos negando que o Messias já veio e que isso mudou tudo. Um conhecido me disse certa vez que não devemos seguir os passos dos apóstolos na interpretação da profecia do Antigo Testamento, pois os apóstolos eram/foram inspirados por Deus e nós não somos. Logo, não teríamos autoridade ou autonomia para seguirmos suas diretrizes de

interpretação. Devemos, portanto, seguir nossos padrões e convenções de interpretação das Escrituras, ferramentas puramente humanas – aquilo que [julgamos] dá mais honra e glorifica a Deus. No entanto, creio que a perspectiva inversa seja a mais correta. Se os apóstolos foram inspirados por Deus para interpretar a profecia e registrar tais interpretações, eles são o padrão, eles são a autoridade, eles ditam as regras segundo aquilo que receberam de Deus. Nós apenas devemos segui-los, nos submetendo às suas diretrizes inspiradas.

Quando levarmos à sério este princípio, veremos que o Antigo Testamento antecipa realidades que são desembaladas e explicadas pelos escritos apostólicos do ponto de vista da realização histórica da salvação em Cristo. O Messias já veio, e com Ele e nEle, o cumprimento de muita coisa. Em suma, Jesus é Ele mesmo o intérprete inspirado do Antigo Testamento. Sua identidade, vida e missão fornecem a estrutura dentro da qual devemos ler e nos aproximar do Antigo Testamento (Lucas 24:25-27; 1 Pedro 1:10-12).

Vejamos isto mais de perto com a ajuda do autor G. K. Beale. Certos textos do Antigo Testamento, diz-nos ele, têm um conteúdo “grosso”, cujo significado pleno pode ter sido desconhecido para os autores

originais e que é discernível apenas na sequência da vinda de Cristo e do nosso acesso às Escrituras na sua forma canônica final. Em outras palavras, os textos bíblicos podem “crescer em significado”. Beale está dizendo que, ao profetizarem, os profetas do Antigo Testamento poderiam não estar cientes de como se daria o cumprimento daquilo sobre o que estavam profetizando, coisa que apenas aqueles que viveram e viram o relacionamento de Deus com Seu povo ser afetado drasticamente pela vinda do Messias em carne poderiam discernir.

Para Beale, os autores certamente estavam cientes de que o significado original de suas profecias tinha o potencial de ser recontextualizado por intérpretes subsequentes que aplicariam e interpretariam suas palavras a partir da progressão da revelação de Deus ao Seu povo. Beale argumenta que isso pode ser o que aconteceu quando os autores do Novo Testamento citaram ou aludiram a passagens proféticas do Antigo Testamento. O que se entende é que a intenção original de um determinado autor do Antigo Testamento pode não ser tão abrangente como as intenções divinas simultâneas, que fazem com que a primeira se torne progressivamente desfeita à medida que a história da revelação progride

até atingir o seu clímax em Cristo. A partir de seu contexto original, os autores do Antigo Testamento talvez não compreendessem plenamente como as suas palavras [que foram inspiradas por Deus] encontrariam cumprimento numa história radicalmente transformada pela vinda de Cristo – é basicamente o que acontece com o judeu de hoje, que lê a Escritura a partir da ideia de que o Messias ainda não veio. Assim,

*“o quadro literal da profecia do Antigo Testamento é ampliado pela lente da revelação progressiva do Novo Testamento, que amplia os detalhes do cumprimento no início do novo mundo, que será completado no último advento de Cristo”.*

**Síntese 3:** os escritores bíblicos interpretam os escritos canônicos anteriores de maneira que estes textos anteriores são amplificados. Tendo em vista a progressão da revelação, entendemos que, na medida em que a história da redenção se desenvolve, Deus revela e faz acontecer Seu plano todo abrangente, de maneira que, o escritor bíblico posterior sempre interpreta os escritos anteriores de acordo com fatos e informações novos. Estas interpretações posteriores podem formular significados dos quais os autores anteriores provavelmente não estavam exaustivamente conscientes

(da forma como Deus estava). À luz dessa realidade bíblica, o Novo Testamento, deve ser, para nós, o padrão de interpretação das profecias do Antigo Testamento.

#### **4. Sempre que os autores bíblicos procuravam descrever o futuro, que não tinham experimentado, empregavam linguagem e imagens do presente, que tinham experimentado**

Chegamos agora a um princípio de interpretação, sem o qual a leitura correta de textos proféticos pode ser impossível. Brent Sandy salienta, com razão, na minha opinião, que

*“as nossas ideias sobre coisas que nunca experimentamos são largamente controladas por coisas que experimentamos”.*

Em outras palavras, sempre que os autores bíblicos procuravam descrever o futuro, que não tinham experimentado, muitas vezes empregavam linguagem e imagens do presente, que tinham experimentado. Ou, como Richard Bauckham disse,

*“a profecia só pode representar o futuro em termos que fazem sentido para o seu presente. Ela reveste o propósito de Deus nas*

*esperanças e nos medos dos seus contemporâneos”.*

É o velho problema de como descrever conceitos escatológicos e celestiais na linguagem humana.

O argumento de Sandy é que

*“sob o empoderamento divino, os profetas criaram metáforas e similares de seu mundo para nos deixar experimentar como é o mundo de Deus e do céu – o melhor que puderam”.*

Este princípio é especialmente útil para nos habilitar a compreendermos a distinção muitas vezes feita entre o que é literal e o que é figurado. Tome, por exemplo, a passagem da qual derivou o título do livro de Sandy: *“E estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerrear”* (Isaías 2:4; Miquéias 4:3; Joel 3:10). Quão literal deve ser o cumprimento deste pronunciamento profético? Será que os profetas, ao profetizarem, pretendiam sugerir que as pessoas, no fim dos tempos, transformarão literalmente ou fisicamente suas espadas de verdade em enxadões ou suas lanças reais em foices? Ou tais profecias significam que aqueles que possuem quaisquer instrumentos de guerra os transformarão, por todos os meios possíveis, em instrumentos de agricultura?

Ou, pode ser que o ponto da imagem é simplesmente que Deus vai restaurar a ordem na terra no sentido de que a paz política entre todas as nações e a completa ausência de conflito militar virá a acontecer em dado momento. Como Sandy salienta,

“somente quando chegamos ao ponto de negar que algo acontecerá como resultado dessas palavras é que nos afastamos completamente do significado literal”.

O seu ponto, e isto é de importância crítica, é que se pode interpretar os profetas como falando “literalmente” se, com isso, queremos dizer que o que eles pretendiam era comunicar que algo realmente e historicamente iria acontecer – agora, se há ou não uma equivalência “física” entre as palavras de predição e o evento de cumprimento é de importância secundária.

**Síntese 4:** o cumprimento de uma profecia não necessita ser fisicamente equivalente à profecia, antes, esta tão somente precisa se cumprir de alguma maneira. A questão é que sempre que os autores bíblicos procuravam descrever o futuro, que não tinham experimentado, empregavam linguagem e imagens do presente, que tinham experimentado, mas quando o futuro chega e a profecia se cumpre, este cumprimento não necessariamente traz os exatos

elementos físicos citados na profecia.

## **5. Tipologia bíblica: a correspondência divinamente orquestrada entre muitas pessoas, eventos, séries de circunstâncias ou instituições no Velho Testamento, em um ou vários aspectos, e uma pessoa, evento, série de circunstâncias ou instituição no Novo Testamento**

O nosso princípio final consiste naquilo que se conhece como tipologia bíblica. Na tipologia, o estudante da Sagrada Escritura encontra uma correspondência divinamente orquestrada, em um ou vários aspectos, entre uma pessoa, evento, série de circunstâncias ou instituição no Velho Testamento (o que chamamos de tipo) e uma pessoa, evento, série de circunstâncias ou instituição no Novo Testamento (o que chamamos de antítipo). Na maioria dos casos, o tipo encontrado no Antigo Testamento encontra uma realização mais profunda ou expressão perfeita em algum aspecto da vida de Jesus, de Sua obra redentora, dos seus juízos, ou em seu futuro regresso e reino. Ou seja, Jesus é o antítipo de muitos tipos encontrados no Antigo Testamento. A correspondência é baseada na

premissa de que Deus controla a história. Há, por isso, um modelo providencial no tipo que se repete no antítipo.

Contemplamos a tipologia quando as características de um indivíduo, de uma experiência ou da relação entre Deus e a humanidade no Antigo Testamento, reaparecem, depois, no Novo Testamento com a finalidade de cumprimento, porém, em um sentido inicial não muito evidente. A questão é que Deus é aquele que molda e forma os detalhes específicos da história para que ocorram originalmente como tipos e para que sejam reconhecidos depois pelos autores do Novo Testamento como tal.

Através da tipologia, aprendemos que há uma unidade orgânica entre os dois testamentos no sentido de que o Antigo é um presságio preparatório do qual o Novo é a sua continuação e consumação.

A maior parte dos eruditos reconhecem várias características importantes na tipologia. Por exemplo, olhemos para João 3:14-15 e o incidente da serpente de bronze. Os pontos de correspondência são “levantou” e “vida”. Tanto a serpente como Cristo “levantaram-se”, mas o último em um caminho muito mais significativo e espiritual do que o antigo. Se, de um lado, aqueles que “olharam” para a

serpente receberam “a vida” no sentido físico, isto é, não morreram por causa da picada de uma serpente, de outro lado, aqueles que “olham” para Cristo (isto é, creem nEle) recebem “a vida” no sentido espiritual, a vida eterna.

A tipologia revela como Jesus corresponde ao Antigo Testamento. Em resposta a acusações de ser revolucionário e da colocação de si mesmo contra o Antigo Testamento, Jesus reivindicou uma continuidade entre o trabalho de Deus no Antigo Testamento e o seu próprio ministério. Se, no Antigo Testamento, Deus trabalhou por meio de profetas, sacerdotes e reis, então Jesus pode apontar para todos os três como tipos de si mesmo, por exemplo. Mas, a tipologia revela não apenas como Jesus corresponde ao Antigo Testamento, mas como Um é superior ao outro. Três vezes Jesus afirma esta superioridade do antítipo em relação ao tipo: “*Eu vos digo que está aqui quem é maior que o templo*” (Mateus 12:6); “*E eis que está aqui quem é maior do que Jonas*” (Mateus 12:41); “*E eis que está aqui quem é maior do que Salomão*” (Mateus 12:42). E desde que Jesus é superior aos tipos do Antigo Testamento, a recusa judaica em aceitá-lo como o mensageiro de Deus deve automaticamente significar uma maior condenação. A sua punição manifestada na destruição de Jerusalém no ano 70, a rejeição final da

nação israelita e a destituição de sua posição privilegiada como o povo de Deus estão em uma escala muito mais alta até do que os desastres mais terríveis conhecidos no Antigo Testamento.

Enfim, em Jesus, a era do cumprimento veio. Os tipos encontrados no Antigo Testamento não apenas se repetem em um nível mais alto, mas encontram agora a sua incorporação final e perfeita. Todo o trabalho de Deus no Antigo Testamento recebe agora a sua culminação. A nova era, a messiânica, amanheceu. E, assim, também o Israel desta era escatológica já não é a nação da Antiga Aliança, mas a comunidade cristã, o Israel verdadeiro, empossada por uma Nova Aliança, e por um Mediador maior do que o sacerdócio israelita, uma vez que Jesus não apenas repete o trabalho de profeta, sacerdote e rei, mas aperfeiçoa estes ofícios em Si mesmo. Nesta nova comunidade, as esperanças do Antigo Testamento para Israel finalmente se cumprem.

Perceba que o próprio Jesus viu a sua missão como o cumprimento das Escrituras do Antigo Testamento. São elas que de mim testificam. Por isso, àqueles homens no caminho de Emaús, Jesus, “*começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras*” (Lucas 24:27).

**Síntese 5:** sabendo que sempre que os autores bíblicos procuravam descrever o futuro, que não tinham experimentado, empregavam linguagem e imagens do presente, que tinham experimentado, bem como da existência dessa realidade que conhecemos como tipologia bíblica, não devemos esperar que o cumprimento das profecias seja fisicamente idêntico ao conteúdo da profecia em si. Antes, da mesma forma com que as profecias devem ser interpretadas levando em conta o tipo de linguagem utilizado pelo autor/profeta, e o cumprimento atribuído a elas pelos escritores do Novo Testamento, os tipos do Antigo Testamento devem ser interpretados de acordo com seus correspondentes neotestamentários (antítipos), os quais serão determinados pelos escritores inspirados do Novo Testamento, à luz da Primeira Vinda de Cristo.

## Conclusão

O que esses princípios nos levam a concluir, quando aplicados aos muitos textos que examinaremos em breve, é que Jesus Cristo não é simplesmente análogo à nação de Israel do Antigo Testamento, nem simplesmente paralelo à ela em termos de sua experiência, e muito menos é Ele apenas mais um israelita numa longa linhagem de descendentes individuais de Abraão, Isaque

e Jacó. Jesus é Israel no sentido de que os propósitos, promessas e predições de Deus para a nação se cumprem em sua vida, morte, ressurreição, exaltação, ascensão e Segunda Vinda. Estes princípios apontam para o fato de que o cumprimento e consumação do destino da nação israelita na pessoa de Cristo estendem-se necessariamente ao seu Corpo espiritual, a Igreja. Visto que a Igreja é o Corpo de Cristo, do qual Ele mesmo é o Cabeça, o que Deus pretendia para Ele, Deus também pretendia para Ela. O que é verdade sobre Ele, é verdade sobre Ela. Tanto Jesus como o Seu corpo, a Igreja, constituem o verdadeiro Israel no qual e para quem todas as promessas do Antigo Testamento encontram o seu cumprimento. Observa France:

“Todo o Antigo Testamento está reunido nEle. Ele mesmo encarna em sua própria pessoa o status e o destino de Israel, e na comunidade daqueles que lhe pertencem esse status e o destino devem ser cumpridos, não mais na nação como tal”.

---

#### NOTAS

Todo este artigo foi escrito a partir da tradução (livre e não autorizada) e paráfrase de partes do **Capítulo 1, “The Hermeneutics of Eschatology: Five Foundational Principles for the Interpretation of Prophecy”,** do livro ***Kingdom Come: The Amillennial Alternative*** (Scotland, U.K.: Christian Focus Publications, 2013), do autor **Sam Storms**.

Algumas obras citadas por Sam Storms também foram utilizadas neste artigo (tradução livre):

G. K. Beale, *The Temple and the Church's Mission: A Biblical Theology of the Dwelling Place of God* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2004), 377, publicada no Brasil sob o título ***O Templo e a Missão da Igreja: Uma teologia bíblica sobre o lugar da habitação de Deus*** (São Paulo: Vida Nova, 2021), tradução de Lucília Marques.

D. Brent Sandy, *Plowshares & Pruning Hooks: Rethinking the Language of Biblical Prophecy and Apocalyptic* (Downers Grove: IVP, 2002), 98.

Donald Garlington, “*Reigning with Christ: Revelation 20:1-6 and the Question of the Millennium,*” em *Reformation and Revival Journal*, vol. 6, no. 2, 1997, 60-61.

R.T. France, *Jesus and the Old Testament: His Application of Old Testament Passages to Himself and His Mission* (London: The Tyndale Press, 1971), 41.



# Pandemia & Escatologia

*Da fraqueza cristã à maturidade em Cristo*



**Natanael Pedro Castoldi** é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Possui formação teológica básica pelo Projeto ATOS, Janz Team Gramado, onde compõe a assembleia da missão do TeachBeyond Brasil. Tem experiência em pesquisa nas áreas de Ensino e Aprendizagem pela UNIVATES, na qual tem atuado como monitor de alunos com necessidades especiais. Serve no ministério de jovens da igreja Comunidade Cristã de Encantado, em Encantado - RS. Casado com Gabrielle.

Não dá para se dizer que Nietzsche, apesar de todos os pesares (Chesterton que o diga!), não tenha percebido de modo relativamente acertado que a fraqueza do cristianismo e da civilização cristã está na compaixão, conforme segue:

*“O cristianismo é chamado de religião da compaixão. [...] O homem perde força quando se compadece. Por meio da compaixão, a drenagem da força que o próprio sofrimento traz ao mundo é multiplicada por mil [...] De maneira geral, a compaixão frustra a lei do desenvolvimento que é a lei da seleção. Ela preserva aquilo que já está maduro para a morte, luta a favor dos deserdados e condenados à vida.”* (F. Nietzsche, citado por Tucker, 2008, p. 104)

É, de fato, uma fraqueza, se o pensarmos nos termos da virtú pagã de Maquiavel. Nessa perspectiva é que René Girard (2011) pensa o Holocausto e o Nazismo: é a revolta do estado neopagão contra o imperativo cristão histórico da necessidade de preservar a vida humana a todo o custo. Trata-se, pois, da verdadeira rebelião metafísica de uma nação no centro da Civilização, no cerne gástrico da Rainha Europa, contra o “Antigo Deus” e Seu povo — cristão e também judeu. É a revolta prometeica de um novo Júpiter contra o velho Saturno. Sob o governo do Filho, o *Führer*, o *páthos* cristão foi derrubado, horrorizando todo o Ocidente: a morte em massa, industrial, foi a afirmação de uma nova divindade, desenterrada das

raízes da Floresta Negra. Similarmente, Tismăneanu (2015) afirma que o Holodomor teve como pano de fundo a busca por uma remodelação do Homem em termos distintos daqueles do cristianismo histórico: tratou-se do “uso racional da violência”, aplicando severo controle sobre o corpo humano para, ao solapar o cerne do *homo economicus*, mudar a estrutura emocional, sentimental e psicológica das necessidades humanas.

Só que, como Chesterton afirmou, toda a heresia é uma doutrina enlouquecida. O cristianismo pode ser fraco de um ponto de vista positivo, que é quando a sua defesa incondicional da vida humana está bem enraizada numa e dirigida por uma cultura cristã

visceral — deve-se, aqui, ter em mente o que é “vida” e o que é “humana”. Se as condições de uma cultura cristã profunda, escatológica, não existirem, a influência cristã traz consigo sua fraqueza como problema, como maldição: a defesa incontornável da vida humana se perverte numa queda insana rumo ao colapso de todas as estruturas civilizacionais, destruídas de bom grado para a defesa daquilo que Agamben (2020) chamou de “vida nua”, abrindo as portas revolucionárias para a emergência de uma nova civilização, que vem com uma nova ordem. A sombra do *ethos* cristão, no nosso cenário ocidental secularizado, aparece, pois, como um problema em tempos pandêmicos, e não mais uma centelha de esperança, pois o cristianismo secularizado não é mais escatológico, mas progressista — que é para onde vai o apelo cristão por amor e comunidade quando o espectro do Fim e da *Parusia* se perde.

Sob influência direta da narrativa humanista das ciências naturais, influência essa que ficou mais do que evidente na elevação religiosa da Medicina e das Ciências da Saúde ao Trono durante a Pandemia (VALLI, 2021), a ideia do que seria “vida humana” se dissolveu na lama e nos seus vermes. O homem, um “macaco nu”, afinal, não é mais do que um verme em luta para a sobrevivência de seu

corpo biológico — é isso que ficou explícito com a Pandemia e com a prontidão das populações em submeterem-se ao arbítrio do chamado Despotismo Terapêutico. Essa é a Vida Nua: não há nada mais “humano” e mais importante do que a preservação e o conforto do corpo físico, biológico, material — todos os prazeres do consumismo, todas as tradições, todos os valores, tudo quanto mais existe é deixado de lado quando a vida fisiológica está ameaçada. Essa visão do humano a partir do seu primitivismo mais elementar é uma herança do freudismo, que pensa a essência do indivíduo emergindo dos conteúdos recalçados na primeira infância, e do evolucionismo darwinista, e é também a base do identitarismo hipermoderno, pois aquela sensação visceral a respeito de si, emocionalmente pautada, ganha ares de autoridade absoluta, de modo que a autodefinição, absorvida dos oráculos intestinais, é a regra. Isso é o exato oposto da perspectiva antropológica cristã, que pensa o homem não a partir de sua partícula mais ancestral e do ponto mínimo irredutível, mas do resultado qualitativo de todas as suas potencialidades criaturas: a maturidade humana, a plenitude do homem, está no bom uso de suas faculdades propriamente humanas, e não é que seja ontologicamente menos humano quem não vive

boa vida espiritual, mas é que este, mais próximo daquilo que Kierkegaard definiu como “estágio estético”, sobremodo sensorial e corporal, não consegue viver a plenitude daquilo que é dado ao homem ser e fazer. A régua da vida humana e de sua maturidade é Cristo, não o verme da terra.

Na condição estética, contudo, e sob o falso apelo, superficialmente cristão, da “salvação de vidas”, é posto no altar flamejante da retenção da contingência e da presunção de controle sobre a História (ELIADE, 1992) tudo quanto qualifica a vida propriamente humana. Nessa circunstância, a fraqueza do cristianismo se transforma no sepulcro de toda a boa humanidade, fazendo restar só terra arrasada. Há quem certamente se aproveite desse apelo tão enraizado nas almas ocidentais, de preservação da vida a todo o custo, para nos lançar num vórtice suicida de insanidades crescentes, visando uma ruptura revolucionária no próprio status espiritual e civilizacional do Ocidente — os teóricos de Frankfurt notaram bastante cedo que as nações cristãs devem cair de dentro para fora, explorando ao máximo seus pontos sensíveis. E não havia momento mais oportuno para tal: com a alma esmigalhada pelo consumismo, atizador dos apetites mais corpóreos, e com a abstração e aniquilação do Outro enquanto Corpo/Lugar, substituindo-o, num

momento, por um avatar de rede social, no outro, por uma identidade meramente verbal e, num terceiro momento, como uma fantasmagórica ameaça viral, estava dado o terreno da exacerbação dos humores cristãos destrambelhados e distorcidos.

*“O que assinala a nossos olhos o demoníaco é que estes atos [nazistas e comunistas] foram realizados em nome de um bem, sob a cobertura de uma moral. A destruição moral tem como instrumento uma falsificação do bem tal que o criminoso, em uma medida impossível de precisar, possa manter à distância a consciência de que pratica o mal.” (Alain Besançon, 2000, p. 40)*

Essa distorção de perspectiva deve muito à ideologia dos Direitos Humanos, chamada por Berthoud (2017) de uma “religião sem Deus”, mas que se aproveitou do próprio espírito cristão para se erigir. Deve-se, primeiro, considerar que *A Declaração dos Direitos Humanos de 1789*, fruto do Séc. XVIII e alicerçada sobre Hobbes e Locke, possui um fundamento iluminista, contrário às “trevas medievais” e, por conseguinte, ateu. Os conceitos sobre o homem e o direito ali elaborados não se relacionam organicamente com o pensamento tradicional do cristianismo histórico, pois pressupõem uma noção do homem como inerentemente bom e transformam a criatura

humana numa abstração, subjugando-o à generalizações ideológicas muito distantes da realidade concreta do homem individual (Contrato Social x Pacto/Aliança). Noutros termos: os “direitos humanos”, deduzidos de uma abstração do que seria o Homem, ignoram a visão clássica do Direito (a das proporções justas na partilha de bens exteriores, baseada numa teleologia bastante clara, de base transcendente, verticalizada em Deus), em nome da submissão do indivíduo de carne e osso, com todas as suas particulares e seus direitos e deveres relacionados ao seu contexto local e presente, a uma natureza humana genérica e desprovida de *Auctoritas*, pois sem qualquer fundação no *Auctor*, que é o Senhor (CACCIARI, 2020). Desse cenário de ilegitimidade institucional, muito bem definido por Agamben (2015), toda a segurança jurídica do cidadão desaparece e o Estado pode facilmente assumir a estrutura leviatânica do despotismo, mas com a novidade de que essa tiranização tem vindo com o apoio inflamado da população civil, que infelizmente já assimilou bem a ideologia humanista do Homem hobbesiano.

Uma saída para esse cenário desolador, ou algo que teria garantido a preservação da autoimagem do homem ocidental dentro das diretrizes cristãs tradicionais, é a visão

escatológica, como já anunciado. Os judeus, para explicar e encontrar sentido no que lhes ocorreu com o Holocausto, recorreram ao termo *Shoah*, que é Holocausto e que na Bíblia Grega, *holókauston*, diz respeito ao sacrifício de fogo, ao qual uma vítima era submetida. A ideia de Shoah ajudou a consolidar um robustecimento da autoimagem e da identidade do povo judeu e enfatizou, por sua alusão à vítima individual dentro de um sistema sacrificial dotado de sentido, a personalidade e a individualidade de cada ser humano eliminados pelos nazistas, o que serviu para não permitir que a ideia de “genocídio” e de “morte em massa” transformasse as vítimas em uma abstração, em uma generalização, num “monte de carnes”, como era chamado o Inferno entre alguns ameríndios. E quando se pensa na vida individual, com sua personalidade e suas qualidades humanas, é inevitável que se veja a pessoa, na hora da sua morte, como partícipe de um processo narrativo — para o sujeito individual e religioso, o horror da morte tinha sentido em Deus (e isso Frankl [2017] percebeu bem nos campos de concentração). De fato, só há sentido possível, só há meios legítimos de assimilar o cataclismo na perspectiva do indivíduo consciente diante de Deus e integrado à sua comunidade — sem essas características, a morte se

transforma numa generalidade fria, feita de puro terror, e seu combate se perverte numa missão estatal, sustentada por uma massa informe de pessoas sem rosto.

O cristão de estirpe paulina é incapaz de ver o desastre temporal e não perceber nele algo da incontável e irrefreável vontade de Deus, que dirige a História em direção ao seu Fim, que é a *Parusia*. Além disso, confiante do cuidado do Senhor e na Sua soberania, sem, contudo, recair na imprudência, não se desespera com a sua vida carnal e nem com o dia de amanhã. Ele sabe que a humanidade não é capaz de reter o Tempo (*Katechon*) e de impedir o *Eschaton* (CACCIARI, 2020). Pelo contrário: ele vê na aceleração do Tempo a iminência do Reino, que aguarda com alegria. Enquanto isso, ele respeita algumas diretrizes do Estado, aquelas que não sejam contrárias à sua fé, “como se” a vida presente fosse realmente

importante, “como se” sua sobrevivência diária fosse a coisa mais urgente, “como se” os governos dos homens fossem realmente autoritativos (AGAMBEN, 2017). Nesse sentido, o cristão é um filósofo: ele suporta e vive todos os dramas sem apavorar-se, pois está consciente de que tudo o que é não passa, de algum modo, de uma ilusão, da pálida expressão de uma realidade anterior e mais profunda, com a vantagem de, ao contrário do filósofo, não correr o risco de cair num niilismo pessimista, já que entende que a História terminará, queira o homem ou não, dando lugar ao Paraíso Eterno, que é a Forma Invisível (que então será visível) do presente Mundo Sensível (que já não será mais visto). É nesse tipo de fraqueza que os cristãos são fortes.

---

#### NOTAS

AGAMBEN, G. *O Mistério do Mal*. São Paulo: Boitempo, 2015.

AGAMBEN, G. *O Tempo que Resta*. São Paulo: Boitempo, 2017.

AGAMBEN, G. *Reflexões Sobre a Peste*. São Paulo: Boitempo, 2020.

BERTHOUD, J. *Uma Religião Sem Deus*. Brasília: Monergismo, 2017.

BESANÇON, A. *A Infelicidade do Século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CACCIARI, M. *O Poder que Freia*. Belo Horizonte: Ayiné, 2020.

ELIADE, M. *O Mito do Eterno Retorno*. São Paulo: Mécuro, 1992.

FRANKL, V. *Em Busca de Sentido*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2017.

GIRARD, R.; ANTONELLO, P.; ROCHA, J. *Evolução e Conversão*. São Paulo: É Realizações, 2011.

TISMANEANU, V. *Do Comunismo*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2015.

TUCKER, R. *Fé e Descrença*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

VALLI, A. *Vírus e Leviatã*. Curitiba: Danúbio, 2021.

# A destruição dos símbolos como nova ordem legal



**Wallas Pinheiro** cursa licenciatura em Filosofia. É designer e tradutor da Editora Caridade Puritana. Membro da 2ª Igreja Presbiteriana de Linhares - ES, é casado com Samira Pinheiro.

**H**á uma questão, relacionada com a queima ou derrubada de estátuas que quase não tem sido pensada: qual o significado disso tudo? Normalmente, há um apontamento da incoerência entre se derrubar uma estátua de um indivíduo que, por exemplo, tenha libertado escravos e a manutenção de outros, que foram verdadeiros carrascos – evidenciando hipocrisia por parte dos que destroem os símbolos do passado. Mas, a questão do significado ainda está escapando diante da hipocrisia ou incoerência.

Outra forma de apontar a falha tem sido mostrando que isso tudo é uma tentativa de apagar o passado histórico; de fato, este argumento parece

um bom candidato para a explicação do significado, mas que, admitamos, dificilmente consegue explicar tudo, haja vista termos fortes apelos a certas concepções de ‘justo’ e ‘injusto’ – ao modo deles. A derrubada de uma estátua vem seguida de uma informação: “Este indivíduo era racista”, ou, de outro modo, “Este indivíduo era nacionalista (como sinônimo de ‘nazista’)”. É evidente que o ponto dos revolucionários não é, necessariamente, uma desconexão com o passado, e sim algo mais, já que permitem e mantêm outros símbolos. O que nos cabe, por fim, é entendermos o que é “certo” (justo) e “errado” (injusto) de forma geral, para os fins do entendimento do presente texto.

Quando uma determinada pessoa acusa outra de, digamos, “racismo”, ela está dizendo que existe uma lei (quer explícita ou não, quer conhecida ou não) que proíbe

um indivíduo de menosprezar outro pela cor – do contrário, não faria sentido a acusação. A própria Bíblia aponta essa ligação quando João diz que o “pecado é a *transgressão da Lei*” (1 João 3.4). É evidente que toda noção de pecado/crime decorre de uma concepção de um ideal legal, que condena a sua própria transgressão.

Diante disso, é necessário entendermos um movimento revolucionário, que busca o fim de certos símbolos do passado, como uma busca para o estabelecimento de uma ordem legal nova. E como sabemos isso? Porque todo movimento que surge contra algo, surge por ver, naquilo contra o que luta, grande injustiça, erro e pecado. Daí se compreende o motivo histórico de um movimento: só se surge algum movimento contrário ao estabelecimento, caso os indivíduos vejam, naquilo que está estabelecido, injustiça. Não há motivo para se



levantar armas ou usar a força contra algum outro poder, se nele não for visto algum aspecto de pecado/crime.

Esse princípio já serve para nos esclarecer um ponto que deve ser óbvio neste momento: movimentos revolucionários nunca deixam de existir, porque sempre haverá quem discorde, por algum conceito de justiça, certo ou errado, em relação ao que prevalece no momento. Por isso, não pode ser surpresa que um movimento se levante e lute contra outro, mesmo que tenha saído do seu próprio meio.

Assim, todo movimento clama por um tipo de justiça que precisa ser satisfeita, o que nos leva à verdade de que pedir por justiça implica um conjunto de injustiças correntes. Essas injustiças são os “pecados sociais”, ou crimes, conforme são entendidos na mentalidade das massas. Por isso, a destruição de qualquer monumento do passado, precisa ser compreendida como a imposição de uma lei ou, de outro modo, como o julgamento de um grupo por um tipo de padrão legal que discorda do padrão daquele símbolo do passado.

### **Remissão do pecado ou punição pela injustiça**

Num mundo “sem Deus”, só existe uma forma de remir o pecado ou punir ele: por meio das mãos dos revolucionários

(já que Deus não intervém ou não existe). Visto que há um conceito de justiça, há também um conceito de punição para quem quebra a lei justa. Uma coisa procede naturalmente da outra. Com frequência, porém, a remissão do pecado secular é o ato punitivo contra os que não se “arrependeram”. Exige-se uma verdadeira conversão, ou mudança de mente naqueles que antes não apoiavam o movimento.

E como a remissão ocorre? Há uma necessidade de um insulto àquilo que é considerado injusto. Então, o indivíduo que se “converte”, precisa atacar aquilo que é opressor. Naturalmente, seu ataque é, ao mesmo tempo, sua remissão pelos pecados, e punição aos pecados dos outros.

Como apago, portanto, os pecados dos meus pais? Como apago os pecados dos meus ancestrais? Ora, destruindo aquilo que os homenageia, que os engrandece, que os enobrece. Enobrecê-los é compactuar com seu pecado, com sua injustiça. Daí, a “justiça social” cobrar do passado e do presente a punição pela sua transgressão.

Assim, temos um conceito de justiça, pois há um conceito de pecado e, junto a isso, temos um conceito de remissão/punição, justamente pela quebra da justiça.

Pode não parecer em primeiro momento, mas há um grande

apelo a um tipo de santidade. A “santidade secular” é [nada mais nada menos do que] a não aceitação de qualquer traço de racismo, homofobia, xenofobia, machismo entre outros “pecados” sociais. Quem é puro? Aquele que nem em seu coração considera o negro inferior, que não odeia o homossexual, que ama o estrangeiro e luta pela igualdade das mulheres.

A pureza é exigida no seu máximo. Nenhum homem, por maior que tenha sido no passado, pode ter tido escravos, pois isso mancha a sua santidade e torna as suas obras em trapo. O deus social não se satisfaz na obra do homem se ela se encontra com o mínimo resquício dos “pecados” acima nominados. Não existe neutralidade, apenas parcialidade. Ou somos “santos” conforme o deus social o é, ou não temos direito à sua justiça para nos proteger. Sua lei deve ser vista como prazerosa para todos os que a entendem, e deve se pensar nessas coisas de dia e de noite. Falta pouco para se tornar uma *Torah* secular – mas, ainda deve chegar lá.

Assim, a justiça exige a punição dos transgressores, pois se isso não ocorrer, ela será injusta ou fraca e, portanto, ineficaz.

### **A História**

No momento atual, em que borbulham várias ideias sobre

política, religião e justiça, não seria surpresa encontrarmos movimentos que querem sair vitoriosos contra aquilo que consideram opressão. Vimos tentarem incendiar a estátua de Borba Gato e temos visto mundo afora a destruição de vários símbolos nacionais. São símbolos que trazem em si conceitos sobre justiça e santidade, remissão e punição.

Mas, não seria a destruição dessas coisas algo normal? A verdade é que sim, seria; porém, deve-se ressaltar que o fato de ser “normal” não a torna justa – ainda chegaremos lá.

Desde quando Israel estava indo para a Canaã terrena, Deus lhe ordenou a destruição de tudo o que estava lá (Êxodo 23.22-25 – note que o contraste é entre “servir” aos outros deuses [obedecendo às suas leis] e “servir a Deus” [obedecendo a Sua Lei, que é o contexto de Êxodo 23]). Deus mesmo reconhece que há necessidade de que “algo seja destruído” do passado de um povo, como prova de obediência à sua lei. A chegada de Israel na Canaã implicava a chegada da Lei de Deus àquelas terras e, por isso, a destruição daquilo que contradiz Sua Lei-Palavra era natural e esperada.

Porém, não estamos no mesmo contexto físico de Israel, não temos uma terra prometida no sentido geográfico do termo. Nossa relação com estátuas e

obras arquitetônicas é, digamos, um pouco diferente – mas, também chegaremos lá. É preciso entender que o conflito do Antigo Testamento era, em geral, sobre qual lei prevaleceria. A Lei dos homens ou a de Deus (Deuteronômio 4.1- 8). Contudo, isso não acaba no Antigo Testamento.

Em alguns momentos, do cristianismo primitivo para a entrada da Idade Média, tais “revoluções” internas já ocorreram. Ora com os defensores do arianismo atacando os cristãos de fato, destruindo seus templos e símbolos, ora com nestorianos e cristãos derrubando estátuas de arianos ou outros partidos religiosos (que a essa altura eram fortemente políticos).

Não só neste momento, mas eventualmente monumentos eram derrubados, com outros sendo levantados em seu lugar. A própria Reforma Protestante desencadeou (mesmo que sem querer) alguns pequenos movimentos que tentaram derrubar alguns símbolos do passado. Guilherme Farel mesmo, liderou um destes momentos, na “Catedral de São Pedro”, em 1535, quando, após um sermão, uma horda de pessoas invadiu o templo e destruiu tudo o que não se enquadrava no modelo correto de culto (às vezes, a justiça era certa, mas aplicada de forma errada). O objetivo era que o culto reformado prevalecesse sobre a idolatria (como deve estar

claro, a idolatria é a transgressão de uma lei – em especial do primeiro e segundo mandamentos).

Não se pode negar que punir a injustiça está dentro do interesse humano, e de que não há estranheza na tentativa de derrubada de símbolos do passado. Isso é natural, vindo de uma ordem legal nova ou mesmo de uma ordem justa. Porém, não se preocupe: sempre fica algo de fora do alcance; pela incompreensão e inconsistência ou pela falta de tempo, alguns símbolos são ignorados.

Deve-se entender que, para uma compreensão clara da história, é preciso “aceitar” que todas essas coisas acontecem sempre, quer achemos irracional ou não, justo ou não.

### **Reconhecendo o mal em nós – derrubando com justiça**

O que, portanto, isso nos ensina? Temos da Escritura o frequente apontamento de que as imagens de ídolos têm seu fim por causa da Lei de Deus. Isso é natural. O ponto é que existem imagens que não são de deuses, mas de indivíduos importantes do passado. Daí é necessário entender a relação da história com o pecado de seus atores.

Todo homem peca, pecou ou pecará mesmo naquilo que é o seu interesse principal de atuação. Podemos mesmo

pensar no caso do rei Davi e uma estátua sua. Ora, Davi mesmo não foi um adúltero e assassino? Não escondeu o pecado dele por um período até que Natã o repreendesse? Mas, caso vejamos uma estátua dele, num museu ou exposição, teríamos motivo para destruí-la devido aos seus pecados que contrariam frontalmente tanto o Antigo como o Novo Testamento? Davi não resistiria aos cristãos em nenhum lugar, se os cristãos apelassem para a santidade individual do mesmo modo que os movimentos revolucionários clamam pela “santidade” dos que atuaram no passado.

Porém, isso não quer dizer que não é possível derrubar coisas do passado. Como tem sido argumentado, toda ordem legal implica certa destruição do passado, e isso não é diferente para a ordem legal que o Cristianismo estabelece. Mas, visto que o cristianismo não é uma religião revolucionária como o secularismo o é, ele tem, por parte daqueles que se convertem, um abandono natural das figuras que não são coerentes com os próprios axiomas do Cristianismo. Não podemos prever o que se “perderia” do passado, mas sabemos que um cristão não pode, simplesmente, destruir estátuas por onde passa – em

especial se não for propriedade dele. As Escrituras traçam uma forte linha divisória entre aquilo que possuo e aquilo que não possuo (por exemplo, no mandamento que proíbe furtar – Êxodo 20.15). Se o furto é proibido, é patente que a destruição do bem alheio também o é – mesmo que ele não represente os ideais cristãos ou não se alinhe, ao menos na base, a eles. Só aqueles que possuem é que têm o direito de abandonar, por assim dizer, os próprios bens. Se uma estátua ou obra não se enquadra na justiça, não é com injustiça que a destruiremos.

Como a sociedade é orgânica, isto é, não é possível prever atos de indivíduos, é natural que parte desses bens do passado ímpio, mesmo sob olhares cristãos, sejam preservados; e tal preservação se dará por vários motivos: pelo interesse estético, pelo estudo, pela curiosidade, pelo lucro que tal obra pode dar como retorno ou, até mesmo, por tudo isso junto. O passado pode servir de vitrine, mas também pode servir de tentação. Somente os indivíduos conseguem avaliar se aquilo que possuem é tão ruim a ponto de merecer ser destruído.

Mas, o que fazer com obras públicas, de cunho estatal e que representam algum tipo de

opressão? Ora, o estado mesmo deveria se encarregar disso a partir de sua ordem legal. Se sua ordem legal nova exige a derrubada, mesmo que a protestos de indivíduos, isso não pode ser impedido. Sempre haverá quem queira o fim do símbolo e quem queira que ele permaneça. Só uma ordem legal sadia consegue, neste âmbito, lidar com as contradições de interesses das massas. Os bens “públicos” dependem dos julgamentos privados dos seus mantenedores.

A verdade é que sempre há perda do passado, mas é possível certo equilíbrio entre o mantimento e o seu esquecimento. Nem tudo do passado vale a pena preservar, porém nem tudo que foi destruído precisava sê-lo. O passado pode ser um bom professor, bem como pode ser um apontamento de nossas falhas mais persistentes. O Cristianismo não pode ignorá-lo e também não pode abraçá-lo sempre. Em um dado momento da história, o próprio Deus eliminará todo o passado com todas as obras humanas, porque sua verdade será, definitivamente, estabelecida. A Lei de Deus prevalece no final, porque Cristo prevalece no final.

# O evoteísmo e a necessária jornada investigativa pessoal sobre as origens



**Marcos Motta**, 28 anos, é editor-chefe de Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Lajeado - RS, é estudante autodidata de teologia, e autor do livro *Não Estamos Derrotados: A Verdadeira Vitória* (2017). Na igreja local, coopera como pregador, e também como músico, cantor e compositor. Casado com Talita Motta.

**E**stou lendo um livro da área da *teologia bíblica*. A teologia bíblica é aquela área da teologia que estuda o desenrolar da revelação progressiva de Deus nas Escrituras. Neste livro (que estou lendo), ao falar sobre a origem da vida, a criação do mundo e tudo o mais que se relaciona com esses tópicos, o autor expõe [e defende] aquilo que se tornou conhecido como *evoteísmo*, que nada mais é do que uma tentativa de fusão entre a *teoria da evolução* (*evolucionismo*) e o *teísmo*.

Apesar de, olhando de baixo para cima [a partir de minha pequena estatura intelectual], ter considerado a tentativa do autor uma tentativa riquíssima em profundidade e perigosamente persuasiva,

discordei dele, como era de se esperar. Em primeiro lugar, por paixão e por prudência (ao mesmo tempo), no tocante a este assunto tenho me juntado às fileiras que incluem a maioria dos cristãos e a maioria dos grandes teólogos de todos os tempos. É claro que pode acontecer de a maioria estar errada – mas, ainda assim, é arriscado afirmar isso de bate-pronto. Em segundo lugar, e não menos importante, discordei do autor do livro porque mesmo na comunidade científica não há um consenso em torno da *teoria da evolução*, a qual nada mais é do que isso: uma teoria. É claro que, na academia, há uma quantidade bastante significativa de pessoas defendendo que a *teoria da evolução* explica as nossas origens, mas, definitivamente, não há um consenso acerca desse assunto.

Se, de uma perspectiva, meus olhos brilharam diante da

capacidade argumentativa do autor, um PhD, e sua habilidade de harmonizar o seu evoteísmo com os pontos ortodoxos do cristianismo histórico, por outro lado, me senti triste, justamente por ter ele se decidido na teologia por algo que, na ciência, nem mesmo os próprios da área, os cientistas, chegaram a se decidir [ainda]. O fato é que, como veremos, as coisas não são exatamente como parecem ser – o que se prega por aí, mundo afora, na mídia, nas escolas e nas universidades, não faz jus à realidade.

## Agindo precipitadamente

Isso mostra que, como cristãos, estamos aceitando pressupostos ateístas e *dogmas científicos* antes mesmo de empregarmos uma jornada diligente na busca da melhor versão da história – história esta que é nada mais nada menos que a nossa própria

história. Sim, quando falamos das origens, quando lemos Gênesis 1 e 2, estamos falando de história. Não posso dizer, obviamente, que os grandes teólogos que optaram pelo evoteísmo não empregaram esforços nesta jornada – no entanto, me pergunto, de onde surgiu a certeza quanto a este tópico, a ponto de alguns deles submeterem seu trabalho em teologia a esta *teoria* mal contada?

Muitos dos nossos doutores e mestres (cristãos) preferiram agir de maneira precipitada. Decidiram que a melhor opção diante do discurso “científico” era ressignificar passagens bíblicas, bem como reinterpretar doutrinas cristãs consolidadas. O que decorre disso é que muitos crentes, inevitavelmente, guiados pelos “mais entendidos”, tomaram o mesmo caminho, e isso, antes de terem trilhado essa jornada investigativa particular que certamente se transformaria em um despertar para a revolução contra o maior dogma ateu de todos os tempos: o materialismo filosófico.

O fato é que, ao colocarmos os dados científicos sobre a mesa – fundamentando-nos somente neles –, encontramos uma base racional que não apenas nos *permite* escolher, mas que nos *leva* a escolher a melhor resposta para a maior questão

de todos os tempos, que diz respeito à causa primeira do Universo e da vida.

### Um não ao evoteísmo

No dito *evoteísmo*, o problema cristão em relação à *teoria da evolução* se intensifica:

*“Na defesa da evolução, [os] “evoteístas” pronunciam-se de forma bastante assertiva, com o dogmatismo que caracteriza as pessoas que juram pela chamada “ciência”, sem admitir o alto grau de volatilidade e contínuo aperfeiçoamento do conhecimento desta. Normalmente, não apresentam nenhum traço de que estejamos apenas adentrando a leitura de uma opinião ou teoria própria ou de autores. Podemos até admitir que a intenção é nobre – prestigiar as Escrituras, mas quando impedem que elas afetem o nosso entendimento do universo criado por Deus, o meio encontrado para declarar esse prestígio é letal para a alma e para o intelecto.”<sup>1</sup>*

Isto é, além de apoiar a teoria que dá base ao ateísmo da era moderna, o evoteísta erra como todo evolucionista tradicional, sendo dogmático em suas afirmações, sem admitir que, em Ciência, existe a necessidade de um constante aperfeiçoamento por parte do cientista e, em consequência disso, de muita cautela em suas afirmações, pois dados novos

são encontrados a todo momento, de maneira que conclusões antigas precisam ser revistas e corrigidas, a fim de que a verdade prevaleça – é preciso se render aos dados. Mas, muito diferente disso, os envolvidos agem como se os dados que surgiram depois de Darwin não contradissem em nada, ou praticamente em nada, a *teoria* por ele sugerida. O evoteísta, inevitavelmente, embarca na mesma viagem do evolucionista tradicional.

Depois, para conciliar a “ciência” e a Bíblia, o evoteísta, utilizando-se da aplicação de princípios hermenêuticos não-tradicionais, deixa o cristão “a se virar” com a informação de que, a respeito da origem de todas as coisas, da vida e do Universo, Deus concedeu ao Seu povo nada mais do que um mito [ou metáfora], o qual fora registrado logo no início de Gênesis. O que se dá é que Deus teria inspirado o autor bíblico a tão somente compilar da melhor forma os relatos pagãos que conhecera até então, não revelando-lhe, no final das contas, coisa alguma, antes, apenas impelindo o autor a “dar o seu melhor” nessa espécie de “organização centrada no Deus de Israel” dos relatos correntes em sua época e região.

Na prática, segundo os evoteístas, a fim de combater

<sup>1</sup> PORTELA, Solano. *A Crença na Evolução e no Cristianismo, ou o Chamado “Evoteísmo”*. Disponível

em <https://coalizaopeloevangelho.org/articulo/a-crenca-na-evolucao-e-no->

cristianismo-ou-o-chamado-evoteismo/. Acesso em 01/08/2021, às 22h:26min.



os conceitos pagãos sobre a origem da vida e do universo, os quais divinizavam os elementos da natureza, Deus apenas teria fornecido teologia ao autor bíblico, levando-o a não muito mais do que utilizar-se de trechos dos próprios conceitos pagãos para expor esta “teologia correta” a respeito da soberania e atividade de Deus na instauração da “ordem” sobre o “caos primordial”. Para que este objetivo fosse alcançado, segundo os defensores do evoteísmo, um relato metafórico teria sido o suficiente, e nós encontramos este relato em Gênesis 1 e 2 (as disputas se seguem até o capítulo 11).

Isso, para muitos teólogos e cientistas, não é apenas um apego a um ponto em torno do qual, na ciência, jamais houve e, certamente, jamais haverá unanimidade, mas, também é, em teologia, o apegar-se ao aspecto humano envolvido na composição das Escrituras, ao mesmo tempo em que se ignora o que ensina doutrina da *inspiração verbal e plena da Bíblia* - é tentar servir a dois senhores, o que comprovadamente leva a resultados desastrosos.

É claro que, sendo plenamente histórico, Gênesis 1 e 2 também é forte em sua polêmica contra as religiões

pagãs de sua época.<sup>2</sup> Mas, isso quer dizer que Gênesis fora escrito para isso, com esse objetivo? Ou, devemos reconhecer que, ao simplesmente declarar a Verdade, Gênesis derruba toda mentira?

Por fim, segundo eles, como não era a intenção de Deus ser precisamente científico (e não era mesmo), Ele decidiu deixar-nos com outra coisa, que não a Verdade sobre os fatos. Seguindo esse caminho, se nos aprofundarmos na defesa evoteísta, veremos que a Criação deixa de ser exatamente uma criação, para ser transformada em nada mais que uma espécie de organização dos elementos protagonizada pelo “Organizador Supremo” - uma organização dos elementos pré-existentes e caóticos surgidos lá no “início de todas as coisas segundo a Ciência”.

### Um convite à jornada

Recentemente, o Rev. Solano Portela, em um artigo no site da *Coalizão pelo Evangelho*, já citado anteriormente, salientou que

*“O cristão não precisa ser um cientista nem ter conhecimento científico para avaliar a incompatibilidade do Darwinismo com a Palavra de Deus. A teoria da evolução não*

*se compatibiliza com o caráter histórico e teológico das narrativas. Logicamente, existe muito campo para controvérsias legítimas, dentro de uma visão estritamente criacionista, como por exemplo no que diz respeito à idade do universo e à duração dos dias da criação. Entretanto, o evolucionismo é simplesmente uma teoria histórica e teologicamente incompatível com o conteúdo das Escrituras. Além disso, mesmo dentro dos círculos não cristãos, as evidências de um projeto inteligente no universo (ou intelligent design) têm sido reconhecidas e propagadas por vários cientistas. Não são os cristãos que têm que reavaliar Darwin, mas é a comunidade acadêmica. Como já fomos alertados por Michael Behe, se a microbiologia existisse em seus dias, Darwin nunca teria desenvolvido a teoria da evolução para explicar a origem das espécies.”<sup>3</sup>*

Enfatizando: “o cristão não precisa ser um cientista nem ter conhecimento científico para avaliar a incompatibilidade do Darwinismo com a Palavra de Deus”. No entanto, para que ninguém venha a “comer pela mão dos outros”, convidamos ao leitor cristão a empenhar sua própria jornada investigativa a respeito do assunto, pois, diferente do que é propagandeado pela mídia ateuista militante, a mídia

<sup>2</sup> J. Scott Horrell, *Apostila de teologia sistemática*, p. 31.

<sup>3</sup> PORTELA, Solano. *A Crença na Evolução e no Cristianismo, ou o*

*Chamado “Evoteísmo”*. Disponível em <https://coalizaopeloevangelho.org/articulo/a-crenca-na-evolucao-e-no->

cristianismo-ou-o-chamado-evoteismo/. Acesso em 01/08/2021, às 22h:26min.

mundialmente dominante, a ciência sabe, hoje, muito mais sobre a origem das coisas do que se imagina: sim, à luz das mais recentes descobertas, o evolucionismo está com os dias contados – pelo menos no que diz respeito àqueles cientistas que são pautados pela honestidade. Se considerarmos isso, o evolucionismo não é apenas um erro, é uma gafe.

Essa jornada, se iniciada imediatamente, se fará em boa hora, pois vivemos em um período único da história da Ciência, que não sabemos quanto tempo irá durar. Atualmente, temos um grande privilégio: para todas as

pessoas, e em qualquer lugar, há disponível uma enorme quantidade de informação acumulada sobre esses assuntos do Universo e da vida. Todo esse conhecimento disponível já vem catalisando, há anos, um grande debate sobre as nossas origens, e esse debate tem colocado em xeque o dogma maior do materialismo e sua ciência preconceituosa, que só vê matéria, energia e espaço neste Universo, e nada mais. E este conhecimento pode ajudar você.

Na Ciência, nada melhor do que um dado científico após o outro. Não esqueçamos que

uma avalanche nada mais é do que majoritariamente um monte de flocos de neve minúsculos unidos que se precipitam do alto da montanha em direção ao vale, levando em frente tudo o que aparece em seu caminho. Uma avalanche imensa de dados tem surgido em todas as áreas da Ciência, a qual pode conduzir qualquer pessoa honesta [formada ou não em Ciência] a fazer uma reavaliação racional, detalhada e precisa sobre a nossa verdadeira causa.

---

# O evoteísmo e a necessária jornada investigativa pessoal sobre as origens [parte 2]



**Marcos Motta**, 28 anos, é editor-chefe de Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Lajeado - RS, é estudante autodidata de teologia, e autor do livro *Não Estamos Derrotados: A Verdadeira Vitória* (2017). Na igreja local, coopera como pregador, e também como músico, cantor e compositor. Casado com Talita Motta.

A minha dificuldade para com o evoteísmo está relacionada, principalmente, com a pergunta: de onde essa informação [de que o processo criativo se deu através de evolução, uma evolução guiada] vem?<sup>4</sup> A Bíblia não diz que Deus fez assim e a ciência também não. O que se segue é que essa teoria se revela um pressuposto desenvolvido a partir da dedução de uma ou mais pessoas, as quais simpatizam com ambos os lados (evolucionismo e cristianismo), mas que, para tentar a conciliação entre eles, na verdade, não apontam base

para suas afirmações em nenhum destes dois lados.

Quando a narrativa da Criação, de Genesis 1:3 em diante, entra em cena, a dedução de uma evolução coordenada por Deus não pode ser feita nem a partir da leitura do texto bíblico nem a partir dos livros científicos, o que, na verdade, faz com que o evoteísmo se transforme em nada mais que uma tentativa de hibridizar as duas narrativas, mas sem base sólida. No final das contas, nem a Ciência “oficial”, nem o texto bíblico suportam a ideia na sua base.

Reflitamos: se afirmarmos para um cientista ateu que foi

Deus quem conduziu a evolução, a pergunta que receberemos será: “com base em que, você sugere tal hipótese?” ou “qual é o embasamento para essa afirmação?”. O fato é que tal coisa não passa de dedução do sujeito que a afirmou.

O problema ganha maior proporção quando pensamos que, se este indivíduo deduziu isso “do nada”, baseado apenas no desejo de acreditar, ao mesmo tempo, na Bíblia e nos muitos pressupostos evolucionistas, o que o impedirá de propor outras hibridizações, mesclando parte do texto bíblico com parte de uma ciência humana? Qual seria o limite para isso? E: por que devemos dar crédito a alguma pessoa que faz esse

<sup>4</sup> Trecho inteiro baseado nos comentários de **Matheus Hetti**, na página do Instagram **Cristãos na Ciência** (@cristaosnaciencia), na

postagem **“Três mal-entendidos sobre “evolução guiada por Deus”**, baseada no trabalho de **Loren Haarsma, PhD**, publicada no dia

04/08/2021, e disponível em <https://www.instagram.com/p/CSJOYIDAAwx/>. Acesso em 06/08/2021, 22h:51min.

tipo de afirmação, se o ponto de partida para sua teoria, ao invés de ser uma ação investigativa diligente, como a que propomos aqui, é a sua própria mente, que meramente junta e harmoniza proposições?

No evoteísmo, vemos, por exemplo, em livros e artigos, afirmações como a de que Adão e Eva eram dois hominídeos, dentre vários que Deus teria em dado momento dotado de uma consciência maior, e isso é o que seria a *imagem e semelhança*, expressão que lemos em Gênesis. Muito bem escritos estes livros e artigos, lógica bem concatenada, mas a pergunta que fazemos aos autores é: quem disse que isso foi assim? Na verdade, enfatizamos que estes autores inventaram tais coisas, como hipóteses possíveis. Pois nem a Bíblia disse que foi assim que as coisas aconteceram, e nem a ciência. Não existe evidência fenomenológica que afirme que Deus conduziu a evolução. Existem evidências históricas que mostram que Deus criou o mundo e depois criou o homem do pó da terra (aqui, consideramos a Bíblia como documento histórico). Existem conclusões de cientistas que são tratadas como evidências de que o homem é fruto de milhões de anos de evoluções e cruzamentos com outros hominídeos. Todavia, não existe uma evidência que misture essas informações que

são, sejamos honestos, contraditórias.

O evoteísmo é fantasioso, porque é uma ideia inventada - um esforço para abraçar duas propostas de origens diferentes. É especulação. Ou, poderíamos chamar, de um novo paradigma. Teríamos que optar entre algo que Moisés falou e algo que Loren Haarsma falou, por exemplo.

Alguém pode dizer que o evoteísmo é uma espécie de conclusão de duas verdades - essa seria a proposta. Uma vez que Deus é o Criador e é soberano, e que a especiação se dá pela seleção (duas verdades, segundo os evoteístas), logo, os dois posicionamentos apontam para Deus dirigindo (no sentido correto, soberano) esses processos. Não seria isso?

Acreditamos, sim, que essa seja a intenção. Mas, o que vemos, mais uma vez, é que este é um conhecimento que simplesmente está sendo construído sobre uma dedução anterior, que não possui embasamento algum, e que daqui a algum tempo servirá para que outra pessoa baseie a construção de uma outra ideia ainda mais nova. No entanto, quando voltamos ao questionamento sobre “de onde o autor tirou isso?”, a resposta que encontraremos será: de lugar nenhum. Ele inventou a ideia para tentar converter cientistas, ou tentar convencer jovens a não abandonarem a fé porque

acreditam em Darwin, por exemplo. Ele torceu doutrinas de ambos os lados para que estas afirmem as suas convicções pessoais. A intenção pode até ser nobre, mas, nem cientificamente, nem teologicamente, é sustentável.

**E o que todos os dados sugerem?**

De fato, evoluímos segundo a teoria que teve início em Darwin, por meio de processos acéfalos, que logicamente não tinham o ser humano em mente? Ou será que fomos planejados por uma mente inteligente, consciente e com propósitos? Se a resposta desta última pergunta for “sim”, esse plano foi executado a partir de evolução e seleção natural, conduzido por esta mente inteligente, ou a partir de uma “criação” como a que vemos na Bíblia? Nosso destino será mesmo o da aniquilação total, naquele frio congelante de um Universo envelhecido, esgotado e inanimado, como defendem os cientistas, ou será que podemos inferir com segurança que há, sim, propósito na vida e no Universo que a acolhe?

A única resposta para estas perguntas, com a qual você se deparará depois de uma jornada pessoal, profunda e diligente através do assunto é: somos parte de um plano minuciosamente arquitetado. Precisamos, como cristãos, fomentar o confronto entre essas duas teorias, propondo

um debate que obedecerá à única regra da Ciência: “Siga os dados onde quer que eles o levem, deixando seu gosto em casa”. As duas opções para o descobrimento da causa de nossa origem são: Deus ou evolução? Não há uma terceira via chamada “Deus e evolução”.

## Para cristãos desejosos de se aventurar nesta jornada:<sup>5</sup>

A Criação é um evento histórico, e o texto de Gênesis deve ser entendido como história verdadeira, como algo que de fato aconteceu

O Salmo 136 coloca a criação no contexto de outros eventos históricos na vida de Israel e não faz a menor diferença entre eles. A verdade de várias afirmações de Jesus e dos apóstolos depende do pressuposto de que a narrativa da criação em Gênesis seja uma história verdadeira (Mateus 19:4-6, Mateus 24:37; Lucas 11.51). Adão e Eva foram pessoas que realmente existiram, segundo Paulo (1 Coríntios 15:45 e 2 Timóteo 2:13-14). Os atos criadores de Deus são eventos históricos, no sentido que, de fato, aconteceram.

Van Groningen chama atenção para Gênesis 1.1:

*“O uso do termo bāṛā no Antigo Testamento leva o conceito do que Deus fez, faz ou irá fazer realmente. Indica um evento concreto, real e histórico. Gênesis 1.1 informa o leitor do que Deus realmente fez. Isto é um evento histórico no começo absoluto do tempo, espaço e substância do cosmos. Gênesis 1.1 fixa o palco; prepara o leitor para o que se segue, um relato do que Deus realmente fez.”*<sup>6</sup>

### Do nada

Deus criou o mundo *ex nihilo*, ou seja, “do nada”. A criação a partir do nada (*ex nihilo*), ou sem o uso de matéria preexistente significa que

*“tudo o que existe agora começou com o ato de Deus que o trouxe à existência — ele não moldou nem adaptou nada que já existia independentemente dele”.*<sup>7</sup>

Antes da criação só existia Deus. As palavras “no princípio” levantam a pergunta: “no princípio de quê?” A implicação é no princípio de todas as coisas no universo. Hoje, as descobertas da ciência apoiam a idéia de Agostinho de que o princípio incluiu a criação do tempo e do espaço. O universo não é uma emanção do ser de Deus, nem

um acidente cósmico. A criação não aconteceu por acaso. Nem a partir de algo que já existia. Mesmo o tempo foi criado por Deus. O primeiro versículo não dá indicação da pré-existência de matéria que Deus tenha utilizado na criação. A própria doutrina da distinção entre o Criador e a criação é estabelecida pelo fato de que Deus criou o universo do nada.

*“Não há o conceito [na Escritura] de um período que viesse antes da criação, nem de um período que se estende indefinidamente e que equivale à ‘eternidade’”.*<sup>8</sup>

A doutrina da criação é uma afirmação de que tudo o que não é Deus derivou sua existência dele. Não existe uma realidade última diferente do Deus criador. Não há, de um lado, a divindade criadora e, do outro, a matéria pré-existente, que já se encontrava à mão, e sobre a qual a divindade trabalhou, empregando-a na criação. Para as Escrituras, Deus não trabalhou com algo que existia. Ele trouxe à existência o próprio material bruto empregado. Caso contrário, Deus não seria realmente infinito.

**Qualquer tentativa de decidir entre as várias opções deve dar**

<sup>5</sup> Excertos de Franklin Ferreira e Alan Myatt, *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*

(São Paulo: Vida Nova, 2007), pg. 276-293.

<sup>6</sup> Gerard Van Groningen, *Criação e consumação*, V. I, p. 38-39.

<sup>7</sup> Millard J. Erickson, *Introdução à teologia sistemática*, p. 159.

<sup>8</sup> Alister E. McGrath, *Teologia sistemática, histórica e filosófica*, p. 356.



**prioridade ao texto bíblico e não se deixar guiar pelo que está na moda entre os cientistas**

As teorias de ciência mudam, e a teoria de hoje pode ser desacreditada amanhã. A conclusão a que os cristãos chegam é que a Bíblia é o arcabouço para a interpretação do mundo físico e não o contrário. É por meio da Escritura que sabemos que Deus criou todas as coisas, e as criou com beleza e bondade, bem como as sustenta com Seu poder. As várias interpretações

cristãs a respeito desses assuntos têm suas próprias dificuldades, de maneira que nenhuma delas deve ser assumida dogmaticamente. Deve-se ressaltar, no entanto, que é ainda mais perigoso deixar a nossa interpretação do texto depender de uma interpretação da ciência, pois a ciência está sempre mudando [ou, pelo menos, deveria, diante dos dados que se apresentam a todo momento].

Daqui a um século pode existir uma interpretação científica

totalmente diferente da que é aceita hoje. O que é importante são as afirmações bíblicas de que Deus criou tudo, que a criação no princípio era muito boa, e que ele criou homem e mulher à sua imagem, com responsabilidades especiais para cuidar da criação e obedecer a Deus, e tudo para sua glória, e o que a Bíblia nos conta sobre como foi esta criação, a Criação.

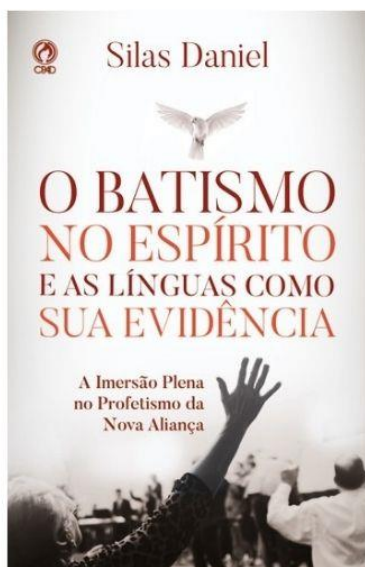
---

# Conversando com...

## Pr. Silas Daniel



**Silas Daniel** é pastor na Assembleia de Deus no Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro (RJ); jornalista, editor-chefe de Jornalismo da CPAD, historiador, conferencista e autor dos livros *O Batismo no Espírito e as Línguas como Sua Evidência*; *Arminianismo: A Mecânica da Salvação*; *A História dos Hinos que Amamos*; *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*; *Habacuque: a Vitória da Fé em Meio ao Caos*; e *A Sedução das Novas Teologias*, dentre outros, sendo este último ganhador do Prêmio Areté da Associação de Editores Cristãos (ASEC) como Melhor Obra de Apologética Cristã lançada no Brasil em 2008.



*O Batismo no Espírito e as Línguas como Sua Evidência*  
(CPAD, 2020)

Com a facilitação, nos últimos anos, do acesso a uma gama cada vez maior de materiais teológicos, a facilitação essa causada principalmente pelo advento da internet, muitos pentecostais começaram a despertar (de maneira mais diligente) para o estudo teológico e, por causa disso, precipitadamente, passaram a enxergar muitas das práticas comuns e doutrinas do pentecostalismo como erros e, em alguns casos, como heresias. Muitos da ala reformada, surfando na mesma onda, se aproveitaram da ocasião para alardear ainda mais a sua própria posição sobre tais coisas, isto é, de que algumas das práticas comuns e doutrinas do pentecostalismo, são mesmo erros e, talvez, heresias. Não obstante as diferenças em outros pontos, na área da

pneumatologia, no centro da discussão, invariavelmente, vemos a doutrina do batismo no Espírito.

Por anos, as redes sociais têm sido palco para este ferrenho e inglório debate. Fato é, no entanto, que cerca de 80% daqueles que debatem e discorrem – em solo virtual – sobre as práticas comuns e doutrinas pentecostais, sejam eles adeptos ou opositores, aparentam não conhecer, de fato, o que a teologia propriamente pentecostal ensina sobre tais pontos – destaque-se a doutrina do batismo no Espírito. Como em outras áreas, foram criados os assim chamados “espantalhos”, e a verdade foi posta de lado, infelizmente. Por isso, visando tornar límpidas as turvas águas do debate, convidamos o Pr. Silas Daniel para nos ensinar acerca da posição pentecostal no que se refere ao Batismo no Espírito Santo e às línguas como sua evidência.

O Pr. Silas Daniel é pastor na Assembleia de Deus no Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro (RJ); jornalista, editor-chefe de Jornalismo da CPAD, historiador, conferencista e autor dos livros *O Batismo no Espírito e as Línguas como Sua Evidência*; *Arminianismo: A Mecânica da Salvação*; *A História dos Hinos que Amamos*; *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*; *Habacuque: a Vitória da Fé em*

*Meio ao Caos*; e *A Sedução das Novas Teologias*, dentre outros, sendo este último ganhador do Prêmio Areté da Associação de Editores Cristãos (ASEC) como Melhor Obra de Apologética Cristã lançada no Brasil em 2008.

**MOTTA –** Pastor, o que o levou a escrever a obra *O Batismo no Espírito e as Línguas como Sua Evidência*? Quais objetivos foram traçados antes da jornada ter início?

**PR. SILAS –** Meu último livro, intitulado *O Batismo no Espírito e as Línguas como Sua Evidência* (CPAD), foi escrito devido a quatro fatores. Em primeiro lugar, percebi que em alguns lugares a busca pelo batismo no Espírito Santo estava arrefecendo. Segundo, constatei também que alguns dentre aqueles irmãos pentecostais que foram enredados pela onda *neocalvinista* dos últimos anos – onda esta que está declinando ultimamente – começaram a questionar não apenas a soteriologia esposada pelo pentecostalismo, que é arminiana, mas também, por tabela, outras doutrinas bíblicas distintivas do pentecostalismo, dentre elas a do batismo no Espírito, devido sobretudo à falta de um maior conhecimento da fundamentação bíblico-teológica do pentecostalismo sobre esse assunto. Em terceiro lugar, lembrei-me que, mesmo eu já tendo ministrado tantas

vezes sobre esse tema, ainda não havia publicado nenhuma obra sobre ele. Finalmente, em quarto lugar, após orar, Deus tocou meu coração para escrever sobre o assunto. Logo, escrevê-la foi inevitável. Ela é fruto não apenas de muito trabalho (foram dez meses escrevendo), mas também de muita oração. Graças a Deus, ela tem tido uma boa recepção.

**MOTTA –** A atual expansão de uma pneumatologia reformada cessacionista representa um perigo ao pentecostalismo tradicional?

**PR. SILAS –** Não, se há uma contrapartida – e está havendo – de teólogos pentecostais escrevendo sobre pneumatologia pentecostal. Isso porque, no confronto entre as duas posições à luz do texto bíblico, dificilmente um teólogo cessacionista será convincente. Aliás, nos últimos tempos, o que temos visto é a maioria dos teólogos proeminentes de denominações cessacionistas relativizando sua posição nessa questão, se dizendo agora mais “semicessacionistas” do que propriamente cessacionistas, aceitando a contemporaneidade de alguns dons espirituais em detrimento de outros, o que é uma posição ainda mais contraditória e igualmente de difícil defesa à luz do texto bíblico. Ademais, alguns dos maiores teólogos e grandes pregadores reformados dos últimos

tempos são continuístas, como, por exemplo, os já falecidos Martyn Lloyd-Jones e J. Rodman Williams; os recentemente falecidos John Stott e J. I. Packer, que tive a oportunidade de entrevistar anos atrás; Wayne Grudem, D. A. Carson, N. T. Wright, Sam Storms, John Piper, Vincent Cheung e Kevin De Young; Mark Driscoll, Tim Keller e toda a turma do movimento Atos 29; James K. Smith, Matt Chandler, C. J. Mahaney, Paul Walsher etc. Nem todo teólogo reformado hoje é da linha do John MacArthur.

### **MOTTA – O que é o Batismo no Espírito?**

**PR. SILAS –** Como explico em meu livro, o que é chamado na Bíblia de “*batismo no/com Espírito Santo*” nada mais é do que uma imersão plena do crente na dimensão carismática, a qual está disponível a todos quantos estão em Cristo; é um mergulho total na bênção do *Profetismo da Nova Aliança* (Para entender o conceito bíblico de “profetismo” o qual friso, indico lerem os capítulos 5 a 9 do meu livro). Como definiu o próprio *Jesus, o Batizador no Espírito Santo*, destacando a importância dessa bênção para a vida do crente, trata-se de um batismo de poder para dinamizar e enriquecer ainda mais a nossa vida de serviço a Deus neste mundo (Atos 1.4,5), de um revestimento de poder do Alto para o serviço (Lucas 24.49).

### **MOTTA – Defender as línguas como evidência do batismo no Espírito não gera uma espécie de elitismo espiritual no seio da Igreja?**

**PR. SILAS –** Não, por duas razões. Primeiro, porque o batismo no Espírito Santo não tem nada a ver com ser um crente superior. Batismo no Espírito Santo e dons espirituais não são sinônimos de maturidade espiritual. Uma pessoa pode ser batizada no Espírito Santo e ter dons espirituais e mesmo assim ser imatura espiritualmente. Os capítulos 12 a 14 de 1 Coríntios mostram isso sobejamente. Uma coisa são os dons do Espírito e outra é o fruto do Espírito. E em segundo lugar, estamos falando de uma bênção que está disponível a todos que a buscarem, logo não há de se falar de elitismo.

### **MOTTA – Como lidar com o cristão fiel e esforçado que nunca falou em línguas? Disponível a todos significa que todos falarão? Em que isso implica na vida da igreja local?**

**PR. SILAS –** Primeiro, línguas não têm a ver com esforço. Segundo, não se deve confundir o batismo no Espírito com falar em línguas. O foco aqui não são as línguas, mas o revestimento de poder do Alto para o serviço a Deus por meio da manifestação dos dons espirituais. Não se deve buscar o batismo no Espírito simplesmente para falar em línguas. As línguas são

consequência. Deve-se buscar o batismo pelo que ele é em si – e para a glória de Deus, como tudo o mais que buscamos de Deus para a nossa vida. A *glossolalia* é apenas uma sinalização externa de que a pessoa imergiu (*baptizo*) plenamente, totalmente, na dimensão carismática, isto é, no poder do Espírito. Ou seja, ela faz parte do “pacote”, e como sinal externo, mas ela não é sozinha, a experiência em si. É possível, por exemplo, a pessoa não ser batizada no Espírito Santo e vivenciar graus do poder do Espírito, graus da dimensão carismática, em sua vida. Há pessoas que não foram batizadas no Espírito Santo e manifestam eventualmente, aqui e acolá, algum dom espiritual. Por outro lado, não se pode confundir diferentes graus de uma experiência com a plenitude dela. Ninguém deve tomar a parte pelo todo nem muito menos ignorar a plenitude de uma experiência porque aparentemente já vivenciou uma parte dela. Não obstante seja possível experimentar o poder pentecostal em diferentes graus sem falar em línguas, esta não é a experiência bíblica completa. A experiência completa inclui a experiência das línguas. É assim que sabemos que a pessoa mergulhou plenamente na dimensão carismática. Lembremos que, antes de serem batizados no Espírito Santo, os discípulos de Jesus – inicialmente os doze, mas

depois outros 70 – curaram enfermos, exorcizaram demônios e receberam de Cristo autoridade para pregar o Reino de Deus (Lucas 9.1,2,6; 10.1,9,17), e eles ainda não eram batizados no Espírito Santo. Ou seja, mesmo antes do Pentecostes, eles já vivenciavam graus do Profetismo da Nova Aliança – sim, da Nova Aliança, pois diz o texto que foi Jesus, que é o Batizador no Espírito Santo, quem lhes deu essa autoridade: Ele “*deu-lhes virtude e poder*” (Lucas 9.1). Entretanto, eles não estavam vivenciando ainda a dimensão carismática como um todo, ainda precisavam ser completamente revestidos de poder, como Jesus vai lhes dizer muito tempo depois (Lucas 24.49), experiência que foi descrita pelo Mestre como o verdadeiro “*batismo no Espírito Santo*” (Atos 1.5), ou seja, uma imersão plena nas bênçãos do Profetismo da Nova Aliança, um mergulhar total e profundo na “*virtude [dunamis] do Espírito Santo*” (Atos 1.8), o poder explosivo e dinamizador do Espírito para o serviço cristão, que é o que o vocábulo grego “*dunamis*” sugere. Em suma, todo crente em Cristo que serve ao Senhor com fidelidade já é, em parte, participante dessa realidade profética, mas Deus deseja que cada um se aprofunde nela, que a viva em plenitude. Não devemos nos contentar com uma parte do poder que está disponível a nós, mas com o revestimento completo dele. A

orientação para os discípulos não foi: “Se contentem com o que já lhes dei”, mas “*Ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder*” (Lucas 24.49). Quanto às consequências para a igreja local, elas são extraordinárias, pois uma igreja em que seus membros buscam o revestimento de poder do Alto obviamente vai vivenciar e usufruir das consequências desse revestimento. O batismo no Espírito não é divisivo para a vida da igreja, nunca foi. Ele é dinamizador da vida da igreja. E mais especificamente em relação às línguas, que vêm com a experiência, como afirma Paulo, elas são uma excelente forma de edificação pessoal, de aprofundamento da oração e da adoração a Deus (diz ele que quem ora e bendiz em línguas “*ora bem*” e “*dá bem graças*”), dentre outras funções das línguas que trato em meu livro à luz do texto bíblico.

**MOTTA – Qual a relação entre o sacerdócio da Antiga Aliança, o sacerdócio na Nova Aliança e o falar em línguas?**

**PR. SILAS –** Em meu livro, faço uma distinção entre o Sacerdócio, a Realeza e o Profetismo tanto na Antiga quanto na Nova Alianças. Das mais de 400 páginas do livro, as 130 primeiras são dedicadas exclusivamente a explicar biblicamente essa tríplice bênção, suas diferenças e implicações para a vida do crente hoje. O batismo no

Espírito – que é o que imagino a que o irmão se refere quando alude ao “*falar em línguas*”, que é apenas o sinal externo da experiência – está ligado à bênção do Profetismo da Nova Aliança. Por que começo o livro falando da tríplice bênção? Justamente porque entendo que é a melhor forma de compreender o que é o batismo no Espírito e a sua importância para a vida do crente. A confusão que se faz hoje em relação ao batismo no Espírito Santo se deve, em grande parte, por se olvidar a realidade da tríplice bênção que transparece no texto sagrado para a vida dos cristãos: o *Sacerdócio Universal dos Crentes*, a *Realeza de Todos os Crentes* e o *Profetismo de Todos os Crentes*. São bênçãos distintas, mas relacionadas, que estão acessíveis a todo crente, mas que nem todos eles usufruem, e muitas vezes por mero desconhecimento. Quando você entende bem essas três bênçãos, seus significados, suas distinções e seus propósitos e realidades, você, dentre outras coisas, entende de forma mais clara e natural o que é o batismo no Espírito Santo mencionado no texto sagrado. Por isso começo o meu livro tratando da tríplice bênção, deixando propositalmente como último ponto a ser abordado nessa primeira parte do livro o Profetismo de Todos os Crentes, porque ele invariavelmente tem como desembocadura a doutrina

bíblica do batismo no Espírito Santo.

**MOTTA – Qual é a diferença (se há) entre as línguas em Atos 2 e as línguas em 1 Coríntios 12-14?**

**PR. SILAS –** Em linhas gerais, não há, porque são o mesmo fenômeno. Por outro lado, podemos dizer que são o mesmo fenômeno manifestado com especificidades diferentes – ou seja, há manifestações específicas do fenômeno. Explico: línguas estranhas, de forma geral, são o que chamamos tecnicamente de *glossolalia*; só que, biblicamente, entendemos que há dois tipos de glossolalia: há a “glossolalia comum” e há a chamada “xenolalia”, que é um tipo muito específico de glossolalia. Lembrando que “glossolalia” e “xenolalia” são termos técnicos lastreados na Bíblia, sobretudo o termo “glossolalia”. *Xenolalia* é, mais propriamente, um termo cunhado a partir de uma inferência assente nas Escrituras; já o termo “glossolalia” é extraído diretamente de uma expressão que aparece no texto sagrado: “*lalen glosais*”, que aparece em Atos 2, em 1 Coríntios e em Marcos 16, e que se refere ao fenômeno para o qual o termo “glossolalia” aponta, que é a experiência de você, impulsionado pelo Espírito Santo, falar em uma língua desconhecida para você, para o falante, mas não necessariamente para as

pessoas à sua volta. É uma locução impulsionada pelo Espírito. Não é uma língua aprendida, porque a Bíblia diz em Atos 2.4 que elas são concedidas pelo Espírito. É um ato sobrenatural, divino. É você quem fala, mas impulsionado pelo Espírito. Você não programa o que vai falar; o Espírito é quem age em você, impelindo-o a falar aqueles vocábulos estranhos a você, mas que podem ser, eventualmente, conhecidos por alguém ou alguns dos seus circunstantes no momento em que essa experiência se manifesta; e é essa eventualidade – de serem em algum momento conhecidos por alguém que presencia o fenômeno – que dá origem ao termo “xenolalia”, cunhado e utilizado tecnicamente para designar aquela manifestação específica da glossolalia em que a pessoa fala, pelo Espírito, uma língua que, conquanto seja desconhecida para ela, é conhecida por uma pessoa ou pessoas à sua volta. É o que acontece em Atos 2. Quando os discípulos falaram em línguas pela primeira vez, estas se manifestaram de forma xenolálica, mas nem sempre é assim. Não foi assim, por exemplo, na casa de Cornélio, em Atos 10, e entre os discípulos de João em Éfeso, em Atos 19. Aliás, eu diria que provavelmente é assim na maioria das vezes, porque Paulo fala em 1 Coríntios que quem fala em línguas “*não fala aos homens, senão a Deus*”, e que “*ninguém o entende, e em*

*espírito fala mistérios*” (1 Coríntios 14.2); e também fala do dom – concedido pelo Espírito – de interpretação de línguas, o que significa que há línguas cuja interpretação só pode ser possível a partir de uma ação do Espírito Santo, não por conhecimento humano (1 Coríntios 14.10,26). Além disso, quando ele vai falar da importância do amor, sem o qual os dons não funcionam corretamente, ele fala de “*línguas dos homens e dos anjos*” (1 Coríntios 13.1), sugerindo o dom glossolálico tanto de falar em línguas desconhecidas para você e conhecidas pelos homens (“*línguas dos homens*”), quanto de falar em línguas desconhecidas para você e pelos demais homens na terra, por ser uma “*língua dos anjos*”, celestial. Lembrando que a expressão “língua dos anjos” não foi inventada por Paulo, mas era muito conhecida pelo judaísmo em seus dias, aparecendo em várias obras da literatura judaica intertestamentária para se referir à existência de uma língua extática de origem celestial que, antes do derramamento do Espírito, se cria poder ser alcançada excepcionalmente por algumas pessoas muito piedosas. Finalmente, é importante ressaltar que as línguas recebem dois adjetivos claros nas Escrituras: “*outras*”, em Atos 2.4, que ali é “*heterais*”, que quer dizer “outras diferentes”, ou seja, que não são iguais àquelas que eles



falavam ou conheciam, mas são uma linguagem de outra natureza; e “*novas*”, em Marcos 16.17, que é “*kainós*”, que quer dizer que essas línguas são novas para eles. Há também quem interprete que em Atos 2 houve dois milagres: um na fala e outro na audição, de maneira que eles falaram pelo Espírito em línguas não-humanas e o Espírito fez com que as pessoas ali em volta entendessem o que eles estavam dizendo. Entretanto, como a maioria dos expositores bíblicos, não acredito que tenha sido assim, embora respeite essa interpretação.

**MOTTA** – Quais são os problemas na ou os erros da prática glossolálica pentecostal atual? Como podemos mudar estas situações?

**PR. SILAS** – Em linhas gerais, o problema está quando se perde a compreensão do caráter e da função das línguas. Há um capítulo em meu livro que trata sobre isso, o capítulo 17. Isso é o que chamamos de uma “carismania”. Só há uma forma de corrigir isso, e não é impedindo a manifestação dos carismas, pois não se pode jogar o bebê fora junto com a água suja da bacia. O abuso não deve tolher o uso. Isso se corrige com ensinamento bíblico.

**MOTTA** – Quais são os acertos atuais do pentecostalismo em relação aos dons e, mais precisamente, às línguas?

**PR. SILAS** – Em relação aos dons, a crença na contemporaneidade dos dons espirituais e a importância da busca por eles para a vida da Igreja, o que é frisado nas Escrituras. Em relação às línguas, o resgate sobre a atualidade, o caráter e a função das línguas conforme o texto sagrado.

**MOTTA** – No que tange à locução impulsionada pelo Espírito, podemos dizer que a efusão do Espírito sempre é seguida por uma locução extasiada? O que isso significa? Como isso afeta nossa vida diária?

**PR. SILAS** – Sim, sempre; e no caso da imersão plena na dimensão carismática, pela glossolalia, que é um tipo de locução extasiada. Outras locuções extasiadas são o transbordamento de júbilo e o profetizar. Essas são bênçãos que trazem edificação ao crente em particular e, no caso do profetizar, ao coletivo. Lembrando que quando uso o termo “extasiado” não o faço no mesmo sentido em que alguns autores usam, aludindo ao ficar fora de si. Uso esse termo em seu sentido mais atenuado. Explico isso em meu livro.

**MOTTA** – Quando Paulo disse que devemos procurar “*com zelo, os melhores dons*” (1 Coríntios 12.31), “*com zelo os dons espirituais*” (1 Coríntios 14.1) e “*procurai, com zelo, profetizar*” (1 Coríntios 14.39), o que ele quis dizer?

**PR. SILAS** – Que os dons espirituais são muito importantes para a vida da igreja, sobretudo o de profetizar, de maneira que crentes que não buscam os dons espirituais estão perdendo de terem sua interação no Corpo e seu serviço a Deus mais dinamizados. E essas bênçãos estão disponíveis a todos, se não o apóstolo não se dirigiria aos crentes em Corinto como um todo dizendo para eles buscarem os dons espirituais, os quais devem ser exercidos, como ele frisar, em sabedoria (“*decentemente e com ordem*”, 1 Coríntios 14.40) e amor (1 Coríntios 13).

**MOTTA** – Uma última palavra, pastor? A quem o senhor dirige esta última palavra?

**PR. SILAS** – Mergulhe, meu amado irmão, na dimensão carismática que está acessível a você pela graça de Deus. Receba a bênção do batismo com Espírito Santo!

---

# A Caixa Preta da Cultura [parte 2]



*[A primeira parte deste artigo, foi publicada em Revista Fé Cristã N° 7, publicada em março de 2021.]*

### **Povos de línguas ágrafas – Oralidade e a possibilidade de inserir o evangelho**

Entre outros desafios, o missionário em campo transcultural pode encontrar as culturas ágrafas, isto é, que não possuem a língua tipo-quirógrafa (escrita e impressa) ou, em outras palavras, que não possuem um sistema de escrita, alfabetos ou gramáticas. Para muitos que cresceram com uma educação formalizada pela escrita, adentrar num universo de comunicação verbal não escritural sem o devido preparo, pode significar um colapso que será gerado a

**João Paulo Vargas** é Missionário da SEMADI (Secretaria de Missões da Igreja Assembleia de Deus do Ipiranga, São Paulo - SP). Bacharel em Teologia pela FATERJ/RJ, o missionário fez Licenciatura em História pela Faculdade Integrada de Araguatins/TO, bem como Especialização em Antropologia Intercultural pelo Centro Universitário de Anápolis/GO, Especialização em Docência Superior pela Universidade Cândido Mendes/RJ, Especialização em Ensino da Filosofia pela Faculdade FUNIP/MG. Pós-graduando em Teologia Sistemática pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper. Tendo atuado com plantação de igrejas no Nordeste Baiano e no estado do Amazonas, com comunidades ribeirinhas e indígenas, atualmente está se preparando para um projeto de plantação de igreja, escola e posto de saúde, que se chamará “*Nouvelle Vie*”, em Burkina Faso, na África. Casado com Almirana e pai da Sarah.

partir da imediata percepção das barreiras e distâncias culturais.

Em uma cultura em que a escrita não existe, Walter Ong (1998) explica que a linguagem não se situa espacialmente lugar nenhum, isto é, não se pode localizar algo pela escrita, somente há sons, não há trajetórias - são ocorrências, eventos. As culturas orais tendem a valorizar mitos, ritos, danças, cânticos e provérbios, que produzem a sequência e a permeabilidade de seus marcos históricos. Podemos, então, nos

perguntar: como estabelecer uma comunicação efetiva em uma cultura oral ou ágrafa e por conseguinte, pregar o Evangelho? Conhecendo a língua local.

Uma outra resposta poderia ser: o envolvimento de conhecer o mundo do receptor do evangelho, sua cosmovisão, sua cultura e língua, entender os detalhes do idioma, as sentenças, as expressões verbais, usá-los de forma correta dentro de suas regras gramaticais e discursivas (SANTOS & MONTE, 2012:142) são alguns recursos

que proporcionarão oportunidade de se pregar a Palavra de Deus.

Possivelmente, o missionário, em contextos de culturas orais ágrafas, poderá ter a oportunidade de grafar a língua. Para isso, se fará necessário que ele empregue uma jornada pessoal de alfabetização e uma possível construção ortográfica, o que pode culminar na tradução das Escrituras e cartilhas educativas. No entanto, o processo de ortografia de uma língua ágrafa requer suporte de noções de fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, noções de semântica, discurso e pragmática do discurso.

Desanimador? Não. Motivador, eu diria, pois tudo isto traduz a realidade de se adquirir um idioma e comunicar bem. Exige o que Jesus disse: “*negar a si mesmo*” em prol de alguém com quem não se tem laços históricos, familiares e sociais. Isto é algo que, entendo, representa de fato a missão cristã. Nossos esforços missionários acabam por recompensar somente o céu, e nos gastamos sem nenhuma expectativa de receber algum retorno, apenas para glorificar ao Senhor - vemos, então, o que o Evangelho pode fazer ao ser anunciado, pois é o poder de Deus (Romanos 1:16).

Mediante as coisas supracitadas duas coisas podem ser pontuadas:

**primeiramente**, a necessidade de se aprender o idioma local, sendo a cultura ágrafa ou não.

**Em segundo lugar**, estando o missionário em uma cultura na qual não há forma escrita, dependendo das circunstâncias, será necessário grafar a língua. Em ambos os casos, o preparo linguístico é ferramenta indispensável, tanto para se alcançar fluência, como para se construir uma ortografia nativa.

### **Conhecimentos linguísticos – caminho para aquisição do idioma e pregação do Evangelho**

Para demonstrarmos o que é, de fato, a “caixa preta” de uma cultura, podemos nos utilizar de uma analogia: a da aeronave que transmite informações precisas. Esta pode ser comparada com a língua de um povo, pois através da linguagem expressamos tudo. Mesmo em um mundo sem som, há linguagens e expressões de ideias que podem ser materializadas e interpretadas de muitas formas, seja por signos codificados em figuras alfabéticas, seja codificando gestos.

Sabendo que não é possível abordarmos todos os aspectos do mundo da Linguística, pontuaremos algumas questões relevantes para o preparo missionário na aquisição da língua local e,

posteriormente, na tradução da Escritura para este idioma.

Este assunto não é novo. Há mais de um século, Deus tem levantado homens que se dedicaram a levar “*tribo, e língua, e nação, e povo*” a conhecer o plano de salvação. Estes homens adentraram em novas culturas, aprenderam seus idiomas, traduziram as Escrituras aos respectivos povos, alcançando etnias isoladas dos grandes centros, o que, em muitas vezes, custou-lhes [a estes missionários] a própria vida, como é o caso de Jim Elliot e seus companheiros que morreram nos primeiros contatos com a tribo Alca no Equador – para a qual, anos mais tarde, os filhos e parentes dos missionários retornaram e, tendo aprendido sua língua, pregaram o Evangelho, o que fez com que a tribo Alca se tornasse o que é hoje: uma igreja evangelizadora.

Entre essas histórias fascinantes, nos chama a atenção a história de Cameron Townsend. Quando vendia bíblias em espanhol na Guatemala, um índio *Cakchiquel* perguntou-lhe se tinha uma Bíblia em seu idioma. Uma vez que Cameron respondeu negativamente, o indígena indagou: “se o seu Deus é tão grande, porque Ele não pode falar comigo na minha língua?” Cameron, então, se propôs a traduzir a Bíblia para a língua daqueles guatemaltecos, e depois prosseguiu para México, Peru

e outros povos, fundando a conhecida Aliança Global Wycliffe, conhecida no Brasil como Missão Além, e situada em Brasília/DF, a qual, desde 1942, tem preparado missionários para traduzir as Sagradas Escrituras para diversas línguas ao redor do mundo (JANET & GEOFF BENGE, 2016).

Townsend, juntamente com seus companheiros, utilizou [e contribuiu em favor de] um alfabeto com fonemas que representam os sons consonantais e vocálicos produzidos pela fala humana, o chamado Alfabeto Fonético Internacional (AFI ou IPA), que inclui pelo menos quase todos os sons possíveis dos idiomas mundiais. Os órgãos vocais humanos são capazes de articular centenas de sons distintos, e ainda há a possibilidade de se encontrar algum som a ser catalogado.

Com o aprofundamento do estudo da fisiologia do aparelho fonador (conhecido como faringe, laringe, cordas vocais, língua, lábios etc., região onde se tem a passagem do ar), se tornou possível identificar o mecanismo envolvido na produção dos sons (WEISS, 1988). O estudo da fonética articulatória é um dos primeiros passos para a aquisição de um idioma, tendo como fatores importantes:

**A audição** - reconhecer os sons e identificar traços, como entonação, duração e acentuação.

**Simbolização** – conhecer os símbolos de cada som em seus traços fonéticos.

**Descrição** – aprender a descrever detalhadamente o processo da produção dos sons (a sequência das articulações do aparelho fonador), as maneiras de pronunciá-los e diagramar as posições dos órgãos fonadores durante um dado momento da articulação.

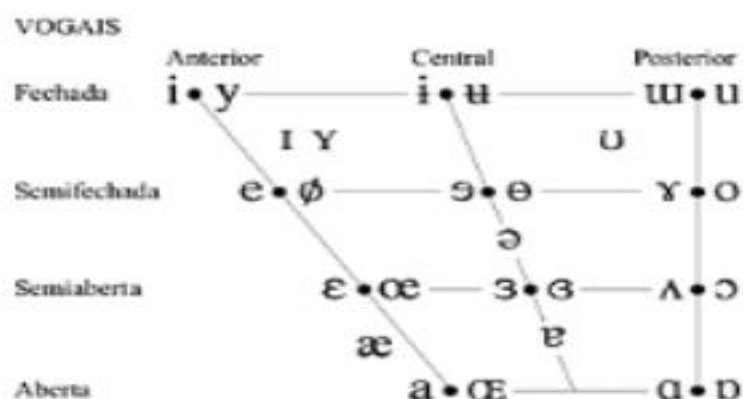
Para ilustrar a grandeza do avanço linguístico na identificação de sons, faremos aqui uma exposição aos nossos leitores da lista do IPA dos sons das vogais:

No diagrama a seguir, temos todas as vogais do IPA, os possíveis sons e sua localização no aparelho fonador, de forma que a palavra “salada”, por exemplo, possui três tipos de

entonação da vogal “a”, sendo *sá – la – dê*, começando com uma sílaba aguda, seguido pela média e por fim grave. A técnica linguística possibilita uma aquisição da língua fundado em seus sons, oportunizando uma grafia dos sons fonéticos dos falantes nativos.<sup>9</sup>

Em um artigo do missionário Zenilson Bezerra (2013), intitulado “*Os impactos socioculturais da alfabetização e do letramento entre os Koripako do Alto Rio Içana*”, vemos um exemplo clarificador deste sistema alfabético (IPA), numa tradução do Salmo 32 para a língua do povo *kuripako*, o qual foi grafado por Sophie Müller utilizando esta técnica:

Salmo 32:5: “... *Nokaitewatsa nomaatshikanaa pirhio phia Nominali Mawadzakakadali, nheette pipeekowatsa noodza ni [...]* (*¿Come Dio iaco waso?*)” (Müller, [s.d.]).



<sup>9</sup> Conteúdo retirado do curso **Fonética Articulatória: Ferramenta para**

**Analisar as Línguas do Mundo**, ministrado pela Prof<sup>a</sup> Etelvina, da

Missão ALÉM, no Mackenzie/SP, em 2016.

[“...Direi a minha maldade para ti, Meu Dono Eterno, e tu a lançarás de mim. (O que a Palavra de Deus fala para nós aqui?)”]

Bezerra (2013:60) acrescenta ainda que Sophie dominou o conhecimento de decodificação grafo-fônica, a ponto de interpretar e utilizar seu material, podendo traduzir textos com equivalência dinâmica, que é aplicar o sentido bíblico no contexto do povo local. Essa serva do Senhor mostrou ser possível tal tarefa, confiando inteiramente no que Deus podia fazer através dela com os seus aprendizados.

É preciso notar que, quando se começa a compreender a língua local, dominando a conversação, informações importantes são acessadas, como significados de mitos, ritos, contos, dentre outras afinidades culturais. Chega, então, o momento de apresentar o “Deus do Evangelho”. Para isso, muitas decisões terão de ser tomadas, como, por exemplo, a respeito do nome de Deus, da identificação de Deus na cultura, e se esta identificação partirá do conceito de alguma divindade já existente na cultura daquele povo ou se será emprestada de outra, o que configuraria o chamado “estrangeirismo”, ou, ainda, se será necessário cunhar um

novo termo para identificar o Senhor. Em outras palavras, este é um momento delicado nas missões transculturais, pois ignorar esses aspectos é, no mínimo, colocar em risco a mensagem.

Termino este artigo, que foi dividido em duas partes, deixando alguns exemplos de comunicação do evangelho em contextos transculturais que apontam para a relevância de um preparo linguístico.

Às vezes, na transposição de uma língua para outra, o Evangelho pode ser mal compreendido com algumas concepções teológicas, como é o caso da Trindade. O missionário Bezerra (2013) narra um episódio, em que um indígena assimilou o conceito bíblico de forma sincrética:

*“Depois, com a absorção de princípios cristãos, esses seres metafísicos foram, por alguns, confundidos com a Trindade, como um indígena da comunidade Panã-Panã uma vez falou: “Na nossa língua, também temos o nome para Deus Pai, Jesus e o Espírito Santo; Ñapirikoli é o Pai, Kaali é o filho e Yooli é o Espírito. É tudo a mesma coisa.” (BEZERRA, 1996-2007)*

O problema é que esses deuses, que foram apresentados como representantes da Trindade, não correspondem ao conceito

bíblico. O linguista Johan M. H. J. Konings (2003:221) compreende que, “para traduzir bem é preciso conhecer bem o idioma de partida e o idioma de destino”. Por ser da natureza da proclamação do evangelho o trânsito de um idioma ao outro, sua mensagem não pode ser alterada. Isso nos leva a pensar na relevância de se preparar linguisticamente.

Em uma situação de boa compreensão do evangelho, podemos citar o caso do missionário Bob Dooley (2009) entre a etnia indígena guarani *mbyá*, que traduziu a Bíblia para este idioma. Ele apresenta algumas noções de uma boa contextualização, como, por exemplo, procurar a equivalência dinâmica<sup>10</sup> na tradução da mensagem, procurando termos que se aproximam dos conceitos bíblicos, como é o caso do nome de Deus. O missionário não utilizou “*tupã*”, que corresponde a um ser inferior, mas sim o termo “*Nhanderuete*”, que significa “nosso pai verdadeiro”, o qual, na cultura deste povo, não somente é considerado o pai da etnia local, mas de todas as etnias existentes, e está muito mais próximo dos princípios bíblicos. Este termo acoplou o Pai da eternidade, das Escrituras. Isto foi possível

<sup>10</sup> Expressão usada por Eugene Nida para explicar que uma tradução relevante dos textos bíblicos é aquela

que procura manter o sentido do texto ao invés de traduzir palavra por

palavra, que pode perder seu equivalente na língua destino.

devido aos conhecimentos linguísticos.

Compreendo que este artigo não alcançou, de forma satisfatória, todos os seus objetivos, crendo que este assunto abarca muitos outros aspectos da área da comunicação intercultural e imersão nos idiomas nativos. No entanto, se deixou a impressão do que a importância do preparo linguístico no envolvimento das Missões Transculturais é por demais grande, então, alcancei um dos objetivos.

Que possamos entender a seriedade de comunicar o verdadeiro Evangelho de Cristo; que possamos dizer como Paulo, em sua segunda carta aos Coríntios: “*Eu, de muita boa vontade, gastarei e me deixarei gastar pelas vossas almas*” (2 Coríntios 12:15). À igreja de Éfeso ele escreveu: “*Não tenho minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus*” (Atos 20:24).

Deus nos encoraje a permanecer em Seu plano de anunciar o Evangelho à todos povos que não O conhecem, e que Seu Nome seja glorificado através das Missões Transculturais.

---

#### NOTAS

**BEZERRA, Zenilson Agostinho.** *Os impactos socioculturais da alfabetização e do letramento entre os Koripako do Alto Rio Içana.* Artigo publicado pela *Revista Antropos* – Volume 6, Ano 6, dez. de 2013.

**DOOLEY, Bob.** *Tradução Bíblica numa sociedade minoritária.* Artigo apresentado na palestra apresentada na Semana do Tradutor, UNESP, S. J. Rio Preto/SP, 27/09-10/2004. Artigo publicado pela *Revista Antropos* – Volume 3, Ano 2, dez. 2009.

**FREITAS, Dionéia R. da Costa & QUEIROZ, Lucicleide de Souza.** *O eu e o outro: o processo de ensino-aprendizagem no contexto intercultural.* Artigo publicado na *Revista Antropos* – Volume 5, Ano 4, Maio de 2012.

**HIEBERT, Paul D.** *O Evangelho e a Diversidade das Culturas: um guia de antropologia missionária.* Tradução: Maria Alexandra P. Contar Grosso. São Paulo: Editora Vida Nova, 2010.

**JANET & GEOFF BENGÉ.** *As Boas Novas a todas as Línguas: a história de Cameron Townsend.* São Paulo: Editora Jocum Brasil, 2016.

**KONINGS, Johan M. H. J.** *Tradução e Traduções da Bíblia no Brasil.* Artigo apresentado na *Revista Perspectiva Teológica* – Volume 35, Ano 2003. Pag 215-238.

**LIDÓRIO, Ronaldo.** *Antropologia Missionária.* São Paulo. Editora : Vida Nova; 2011.

**MONTE, Maria Rosa & SANTOS, Jacqueline dos.** *Linha cruzada na comunidade do evangelho ao povo Ninam no alto rio Mucajaí.* Artigo publicado pela *Revista Antropos* – Volume 5, Ano 5, Maio de 2012.

**Müller, Sophie.** *Sua Voz ecoa nas selvas.* Anápolis Transcultural, 2003.

**NIDA Eugene A. & REYBURN William D.** *Significado Y Diversidad Cultural* © Sociedades Bíblicas Unidas, con el permiso de Orbis Books. Traducción: Manuel Picado, 1998.

**SMITH, James.** *Você é aquilo ama.* Tradução de James Reis. -- São Paulo: Vida Nova, 2017.

**WEISS, H. E.** *Fonética Articulatória: Guia e Exercícios.* Summer Institute of Linguistics. Brasília, DF. 1988.

---



# Quem está no controle?



**Arthur W. Pink** (1886-1952), foi um dos autores evangélicos mais influentes da segunda metade do século XX. Erudito bíblico de persuasão reformada e puritana, Pink escreveu várias obras literárias e pastoreou diversas igrejas nos EUA, além de ter servido como ministro na Inglaterra e Austrália.

**P**ara iniciarmos esta coluna sobre soteriologia, quero fazer-lhe uma pergunta: quem está no controle de tudo quanto se passa no mundo? Deus ou Satanás? Muita gente pensa que Deus é somente rei no céu. Porém, estas pessoas, além de não lembrarem que Ele é o criador do mundo, também não acreditam que o controle de todas as coisas que acontecem nele está nas mãos de Deus.

Algumas pessoas acham que o mundo funciona como uma máquina, meramente obedecendo às leis da natureza. Outros consideram que o homem pode controlar o que lhe acontece usando seu próprio livre arbítrio. Mas, me deixe fazer-lhe novamente a pergunta: quem está no

controle de tudo quanto se passa no mundo? É Deus ou Satanás?

Quando olhamos para o que se passa no mundo, facilmente poderíamos concluir que Satanás está no controle, e isso devido ao fato de que existe tanta confusão e pecado neste mundo, tanta maldade. Vemos que as coisas vão de mal a pior. Continuamente, ouvimos falar em guerras e revoluções. Sabemos que há uma grande inquietude e temor no mundo. Sem falar que a maioria das pessoas permanece na ignorância a respeito da verdade de Jesus Cristo, de maneira que muitos pensam que o cristianismo é um fracasso.

Ainda, alguns que se identificam como crentes, têm sugerido que, embora Deus queira salvar às pessoas, não pode fazê-lo, porque essas mesmas pessoas não O deixam!

Tudo parece indicar que Satanás tem mais controle do que Deus tem. Ou, em outras palavras, para alguns, Deus é alguém que controla as coisas, porém, tão somente fazendo com que as coisas não ultrapassem certos limites específicos e necessários para o desfecho da presente era, mas não interferindo diretamente nelas. Satanás, sim, interfere; Deus não.

Os crentes, mais do que ninguém, não deveriam pensar desta maneira.

Os crentes, sabemos muito bem, não devem interpretar o que acontece a partir de que seus olhos veem, antes devem interpretar as coisas através da fé. *“Porque andamos por fé, e não por vista”*, (2 Coríntios 5:7).

Os crentes creem no que Deus tem falado na Bíblia, e a Bíblia sempre tem advertido que o

que está acontecendo no mundo é exatamente o que devia suceder (porque assim foi determinado por Deus desde o princípio).

A Bíblia diz que multidões de ímpios sempre estarão em rebelião contra a autoridade e a lei de Deus. Assim sendo, não deveria surpreender-nos quando as pessoas desprezam a Deus, pois Ele é a autoridade suprema e o doador da lei.

A Bíblia anuncia que é Deus [e não Satanás] quem está controlando o que ocorre no mundo. A Bíblia nos ensina que Deus criou todas as coisas, e que Ele exerce um controle completo e soberano sobre tudo o que fez. A vontade de Deus não pode ser mudada. Ele é o Rei soberano sobre todas as coisas e nunca pode ser surpreendido por nada do que acontece – e isso, não apenas porque Ele conhece tudo o que ainda irá acontecer, mas porque Ele o determinou. Ele reina sobre tudo, fazendo com que todas as coisas operem juntas para o bem de todos aqueles que O amam e que têm sido chamados por Ele para ser Seu povo.

Embora estas coisas sejam verdadeiras, somente podemos entendê-las e desfrutá-las se somos crentes em Deus. Temos que encher as nossas mentes com conceitos verdadeiros acerca de Deus, a Sua natureza e o Seu caráter. Só então poderemos aceitar com submissão e confiança tudo

quanto nos acontece, sejam decepções, dificuldades ou tristezas, porque sabemos que todas as coisas, incluindo estas, são controladas por um Deus tão sábio que não pode errar, e demasiadamente amoroso para ser cruel.

Os cristãos precisam ser encharcados novamente com estas verdades acerca de Deus; a pregação superficial e vaga da atualidade não basta. Então, permita-me observar novamente: Deus ainda vive; Ele vê tudo o que acontece e está em completo controle sobre estas coisas, determinando-as e conduzindo-as.

Quando pensamos acerca do que está acontecendo no mundo, não deveríamos começar a explicar isso a partir de uma perspectiva meramente humana, porque se assim fizermos, jamais compreenderemos esta vida, e ainda privaremos outras pessoas de alcançar esta compreensão. Existem muitas coisas na vida que achamos estranhas e difíceis de entender, porém, através da Bíblia, Deus nos dá entendimento.

A Bíblia é a Palavra de Deus, a revelação divina para nós. Então, se queremos entender o que acontece no mundo, devemos começar aprendendo o que a Bíblia diz acerca de Deus. Este é o lugar correto para começar. Se tentamos explicar as coisas partindo do

estado atual do mundo e depois tentamos conectá-lo com Deus, concluiremos que Deus tem muito pouco a fazer com o mundo tal e como nós o conhecemos hoje. Porém, se começamos com Deus e depois O relacionamos com o estado atual do mundo, começaremos a compreender o motivo pelo qual as coisas estão assim agora.

Deus é santo e julga aqueles que pecam contra Ele. Deus cumpre a sua Palavra e castiga a maldade, assim como tem prometido fazer na Bíblia. Deus pode fazer tudo, e nada pode resistir-Lhe ou vencê-Lo. Deus conhece tudo e ninguém sabe mais do que Ele. Nada é impossível para Deus. Assim, então, quando olhamos para o que está acontecendo no mundo, podemos concluir que Deus tem iniciado o seu juízo contra a maldade e o pecado em nosso mundo moderno, tal e como o fez no passado.

Existem duas maneiras de se responder à minha pergunta acerca de quem está no controle. A pessoa que não acredita em Deus considera tudo a partir do seu próprio ponto de vista humano - começa com o homem e é por isso que não pode entender como Deus pode estar no controle. Doutro lado, a Bíblia nos diz que os pensamentos de Deus não são os nossos, e que os caminhos de Deus não são como os nossos.

A pessoa que não crê em Deus sempre pensará que é idiota dizer que Deus controla tudo. Porém, o crente sabe que Deus está no controle porque assim o tem falado Deus na Bíblia. O cristão começa com Deus.

Embora haja muito pecado e sofrimento no mundo, o que causa tristeza no crente, ainda assim ele não diz “se eu fosse Deus, não o permitiria”. O cristão acredita que os caminhos de Deus são inescrutáveis e, assim, incompreensíveis. Deus tem ocultado muitas coisas de nós

com o propósito de provar a nossa fé, para fortalecer a nossa confiança em Sua sabedoria e para ajudar-nos e aceitar a sua vontade.

O cristão confia em Deus e tenta interpretar todas as coisas desde o ponto de vista de Deus. O crente confia em Deus e aceita o que acontece, porque sabe que provém dEle. E porque confia em Deus, seu coração pode ficar tranquilo em meio às tempestades. Confiando em Deus, regozija-se porque sabe que no fim de tudo verá a glória de Deus.

---

#### NOTA

Introdução do livro ***Deus é Soberano***, de **A. W. Pink**. Este livro foi traduzido do espanhol para o português por Daniela Raffo, em 2007, de uma versão abreviada em inglês intitulada “*Quem está no controle?*”, publicado originalmente por Grace Publications Trust, e em sua versão original em inglês por Baker Book House. O título da versão original em inglês é: “**A soberania de Deus**”. Apresentado, adaptado por e com insertos do editor-chefe de Revista Fé Cristã, Marcos Motta.

---

# Tentações



**Bella Falconi** é casada e mãe de duas meninas, Victoria e Stella. Bacharel e Mestre em Nutrição pela Northeastern University - EUA, é também pós-graduanda em Teologia Sistemática pelo Centro Presbiteriano Andrew Jumper. Palestrante internacionalmente reconhecida e influenciadora digital, com mais de 4 milhões de seguidores, é também membro da Igreja Presbiteriana de Pinheiros em São Paulo - SP.

*“Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.” (João 16:33)*

**E**xiste uma paz que o mundo não nos dá e essa paz é a que vem de uma fonte chamada Jesus Cristo. Quando Jesus nos diz que no mundo passaríamos por aflições, Ele estava se referindo não apenas aos sofrimentos em si, mas também às tentações que geram sofrimentos. No entanto, nenhuma aflição que nos sobrevém, permanece desacompanhada de uma promessa relacionada a ela nas Escrituras. Ou seja, o Senhor não nos alerta sobre os perigos deste mundo sem nos garantir que Ele é poderoso para nos livrar e auxiliar durante a nossa caminhada diária.

Vivemos em um mundo cheio de tentações e Jesus sabia muito bem disso, afinal de contas, Ele mesmo em tudo foi tentado. Mas, o que fazer diante delas? Como agir? Neste artigo, falaremos de maneira específica sobre como as mulheres deveriam lidar com as tentações.

Sabemos que inúmeras mulheres vivem diariamente no trabalho o desafio de não ceder às investidas ímpias e de não se amoldar ao mundo no que se refere às exigências da vida profissional. Isso é muito mais comum do que imaginamos, de maneira que devemos assumir que as tentações são reais e que elas nos oferecem sérios riscos. E aqui já aprendemos uma primeira grande lição: ignorar a existência e o perigo das tentações é ceder vitória ao inimigo.

As tentações são tão sérias que as Escrituras contêm vasto conteúdo de alerta sobre o assunto. Mas, por que existem tentações? Porque o mundo jaz no maligno e o deus deste século, ainda que seja um inimigo já derrotado, continua investindo contra o povo de Deus. E, por que elas são perigosas? Porque, ainda que o espírito esteja pronto, nossa natureza é fraca e inclinada para o pecado. Ou seja, mesmo habitando em Canaã, quando mal percebemos, já estamos de malas prontas para voltar ao Egito. Não é sem razão que o Senhor nos ordena a vigiar e orar e a nos aproximarmos do trono da graça a fim de recebermos misericórdia no momento da necessidade (Hebreus 4:16).

Não podemos vencer essa luta sozinhos. O Senhor é fiel e sempre nos provê escape para

que possamos suportar a tentação (1 Coríntios 10:14). Mas, devemos fazer a nossa parte. E qual seria a nossa parte? Vejamos na prática:

1) Estarmos cientes de que seremos seduzidos e tentados por pessoas e situações;

2) Não ceder aos maus (Provérbios 1:10);

3) Orando e vigiando (Mateus 26:41);

4) Manter nossos pensamentos nas coisas do alto (Colossenses 3:2);

5) Não cultivar maus desejos (Tiago 1:14);

Não negocie os seus valores. Tenha sempre a certeza de que sua obediência gerará frutos em sua vida. Portanto, antes de pensar “ah, mas se eu não fizer isso que meu chefe está me pedindo, o meu emprego estará em risco”, questione-se: “a quem eu sirvo? A Deus ou a homens?” De que adiantaria você ganhar uma promoção ou manter um emprego cujas práticas não condizem com os seus valores e perder a abundância de Deus em sua vida?

O grande erro dos seres humanos é trocar a glória de Deus pela glória de homens invertendo, assim, as

prioridades. Obediência gera benção e desobediência, maldição. Ser cristã num mundo não cristão é andar na contramão do sistema. Simples assim. Não é sem razão que o Senhor nos diz que, se quisermos realmente segui-Lo, devemos tomar a nossa cruz. A cruz da renúncia!

Quantos de nós não somos tentados diariamente a pecar cedendo às investidas e propostas aparentemente irrecusáveis em nossos empregos? E é aí que o joio é separado do trigo. São nessas horas que podemos realmente avaliar a quem servimos e diante de quem nos dobramos.

Aprender a não ceder às tentações não é somente uma questão de valores, mas, mais do que isso, uma questão de amor, confiança e submissão completa à vontade soberana e perfeita de Deus. Quando o Senhor nos diz: “você terá muitas aflições, mas fique tranquilo porque eu tenho a saída”, Ele está nos chamando para um relacionamento cuja base é a confiança.

Portanto, concluímos que, se agimos de acordo com o que Jesus nos diz, quando resistimos às tentações, estamos resistindo ao diabo e ele irá fugir de nós. E, se ele foge de nós, nós conseguimos ter uma vida de paz, mas não a

falsa sensação de paz que o mundo pode dar, mas a paz que somente uma vida de obediência a Cristo pode gerar em nós. Vale a pena não ceder, vale a pena se posicionar e vale a pena evitar situações tentadoras na vida profissional e em qualquer outra área da vida.

Não há neutralidade no evangelho: ou somos frios ou quentes. Ou juntamos com Jesus ou seremos dos que espalham. Não podemos compartimentar nossa vida em setores e colocar Deus em apenas alguns deles. Ser cristão é sê-lo em totalidade e integridade. Não podemos viver uma vida de “abrir mão aqui e acolá”, na ilusão de que Deus não se envolve em nosso trabalho. Ele não quer ser Deus na sua vida apenas nos cultos de domingo, mas absolutamente em tudo. Portanto, que não tenhamos medo. Antes, que possamos firmemente resistir ao maligno e ele fugirá de nós. Que nos posicionemos sabendo que, diferente do que fazia a igreja de Laodiceia, não há mornidão no Evangelho. Seja o nosso “sim”, sim, e o nosso “não”, não, pois, de que vale ao homem ganhar o mundo e perder a sua alma?

# Maternidade: a visão de uma filha



**Francine Cabanas Tobin** é Fotógrafa, artesã e musicista da Igreja Assembleia de Deus Jardim Botânico/POA. Graduada em Fotografia, pela ULBRA, em Canoas - RS. Através da fotografia artística, vem buscando retratar a teologia, usando a fotografia como narrativa, criando séries fotográficas com uma poética visual inspirada na cosmovisão cristã.

**R**ecordo um escrito tão singelo que encontrei no livro *A Linguagem das Flores*, de Vanessa Diffenbaugh, obra esta que aborda a questão do significado de cada flor e que foi criada na Era Vitoriana, como uma forma de linguagem. No livro, antes do sumário, tive um encontro doce com as palavras de Henrietta Dumont acerca do amor de mãe:

*O musgo é o símbolo do amor materno, porque, como esse amor, ele alegria nosso coração quando o inverno da adversidade nos atinge e nossos amigos de verão nos abandonam.*

Um escrito tão simples, mas que comunica tanta verdade, aconchego e segurança, bem como a figura materna. É

comum termos sobre maternidade do ponto de vista das mães e de profissionais da área, o que nos traz instrução, fortalecimento, e no caso de quem ainda não é mãe, como eu, grande aprendizado.

Trago por meio dessas palavras, no entanto, algo diferente, pois apresento neste artigo minha visão como filha - já deixo claro quais são as minhas intenções. Desejo testificar o quanto nós, filhos, somos impactados por nossas mães. Claro que, por ambos, pai e mãe, mas venho por meio deste refletir sobre a figura materna na vida do filho.

Antes, uma breve análise sobre a mulher na cultura ocidental.

A temos com sua liberdade, com suas escolhas, e seu valor - ainda que enfrente dificuldades históricas nesse caminho, ela está - nós

estamos - caminhando e trabalhando. De uma perspectiva teológica, temos a inspiração de Deus ao autor de Provérbios, o que o fez escrever sobre a importância da mulher, apresentando-a como “*mais valiosa que rubis*” (Provérbios 31:7). Em outro caso, vemos a vontade do Senhor em designar Ester para ajudar a todo um povo, e ainda dar à mulher a capacidade de gerar vida. Nestes ligeiros exemplos, já é notório que, na visão bíblica, a mulher é dotada de importância e de um papel único, diferente do papel masculino. Ressaltando que “diferente” não sugere “menos importante”. Ambos (homem e mulher) se complementam e se fortalecem para formarem uma família, conforme estabelecido pelo Criador.

A figura materna é frequentemente representada nas artes como símbolo de proteção, segurança, carinho,



bem como vemos na citação acima de Dumont. O poeta Carlos Drummond de Andrade, na poesia *Para Sempre*, a apresenta como aquela que não deveria morrer nunca. Para o diretor de cinema Terrence Malick (no filme *A Árvore da Vida*), uma figura graciosa a condiz. Já em Provérbios 31:28, ela é bendita pelos filhos.

Como filha, pude observar e aprender com uma mulher que evidenciou a todos o amar ser mulher, mãe e esposa, e isso não através apenas de discursos, mas por meio de ações, o que me faz recordar de parte da música *Boa Nova* (Palavrantiga / Marcos Almeida):

*“De tudo quanto eu tenho pra dizer / eu digo muito pouco com as palavras / eu presto atenção em ti”.*

Como mulher, sempre me interessei em observar outras mulheres: elas e suas escolhas, acompanhadas de seus corações e seus tesouros, suas palavras e atitudes. Um pensamento frequente que me foi facilmente observável é a tensão entre maternidade e carreira. Dúvidas sobre a possibilidade de ser mãe e de se ter uma carreira profissional também: só ser mãe ou só priorizar a profissão etc. São opções cabíveis e particulares que devem considerar a realidade, vocação e coração de cada mulher.

Através de um observar pessoal, e de conversas com outras mulheres, bem como de leituras, alegrei-me com desejos doces pela maternidade: moças se valendo da criatividade para honrar a dádiva de ensinar uma vida a viver aqui - o presente de dar boas-vindas a quem recém chegou nesse mundo inundado de dias, noites, feriados, piquenique, festa em família, provas escolares, formigas que picam, plantas que curam e tudo o que está enfeitando a superfície da Terra. Há muitas possibilidades e maneiras de se apresentar a vida ao filho e ensiná-lo o que vale a pena.

Na cosmovisão cristã que aguarda a volta de Cristo, vivemos com esperança todos os dias, esperando esse retorno, alimentando-se da Verdade e não entregues ao sono, como quem nada espera e vive sem expectativa. *“Habita na terra e alimenta-te da verdade”*, escreveu o salmista (Salmo 37:3). Encontrei mães despretas!

Mas, se por um lado há quem festeje o ofício da maternidade, por outro, reparei uma sensibilidade negativa no que tange a ela, principalmente por meio das redes sociais. As redes sociais podem funcionar como espelhos do interior humano, visto que têm sido usadas como forte meio de expressar aquilo que se pensa. Nelas, é frequente lermos ou vermos *memes* que ironizam ou que,

em tom sarcástico, desfiguram a maternidade, maculam sua seriedade e beleza. Mensagens com ideias que podem conduzir a uma concepção de que ser mãe é um peso, ao invés de uma escolha e bênção. Que pensamento destruidor!

Antes de prosseguirmos, é bom elucidar sobre esta questão da escolha, pois boa parte deste texto reside nesta questão. O psiquiatra austríaco Viktor Frankl, no livro *A Presença Ignorada de Deus*, trata acerca das decisões, evidenciando que o ser humano é aquele que sempre decide quem ele é. Aqui, chamo a atenção para o desapego da doença do vitimismo, que nada constrói, apenas retroalimenta um vício. Frankl traz o ser como ativo e com liberdade para agir frente as mais diversas e adversas circunstâncias externas, ao invés de o colocar como “vítima” ou “mero joguete do destino”, o que nos deixa cientes de que somos seres que escolhem e respondem por aquilo que escolhem, sendo responsáveis por nós mesmos.

A mudança na concepção de “um peso” para “uma escolha”, põe a pessoa como ativa e protagonista de sua vida e da maternidade, por meio da conscientização de que há uma escolha a ser tomada e respondida, acompanhada de peculiaridades e, também, de consequências. Escolher, abraçar e encarar fará parte da circunstância. Mulheres que,

com o coração em Deus, escolhem e trabalham em sua escolha todo dia e, ainda que não conseguindo vislumbrar todos os passos seguintes, esperam de Deus a força, e oram por seus filhos, cientes de que em primeiro lugar eles são Dele.

*“Agrada-te do SENHOR, e ele satisfará os desejos do teu coração.” (Salmo 37:4)*

Enfatizo o valor, certeza e apropriação da escolha pela maternidade por dois motivos. O primeiro é o fato de ser preciso olhar para frente para realizá-la, com esperança, e o segundo é o impacto direto na vida do filho. Sobre o ponto um, recordemos o filme *O Hobbit: Uma jornada inesperada* (2012), no qual o personagem Bilbo, ao partir na companhia de Thorin, constantemente lembra-se do aconchego de seu lar quentinho e deseja voltar, mas, à medida com que avança, se fortalece e, conforme um relato no livro *Devocional – O Hobbit*:

*“... mesmo abatido inicialmente sobre a inconveniência das tempestades, Bilbo ficou mais forte com essas experiências. Em pouco tempo, precisava de perigos maiores e privações mais graves para fazê-lo se lamentar.” (Strauss, 2021. p.33)*

Bilbo havia mudado muito: de um *hobbit* implorador de conforto para um *hobbit* enfrentador de dificuldades e

privações em prol de um alvo. O mesmo vemos em tantas histórias bíblicas, que mostram Deus preparando o Seu povo para o que Ele quer de modo a ser visível que, no caminho com Ele, somos transformados em pessoas Dele.

Bem como na canção *A Partida e o Norte*, Estevão Queiroga canta sobre o fogo que lhe queima, mas lhe aquece, e a caminhada (pra frente) que muda seu eu.

*“O fogo me queimou, mas me aqueceu / A luz que me cegou, me fez ver Deus (...) O homem que eu parti de casa se perdeu / E a caminhada fabricou um novo eu”*

Quantas vezes precisamos prosseguir sem saber exatamente o que virá, quantas vezes Deus chama seu povo a assim proceder, porém dando a eles a certeza da fidelidade de seu Deus, como foi com Moisés e Abraão. Deus nos chama para confiar, para crer na misericórdia do Senhor que nunca os abandonou, e a olharem para o futuro.

Em Hebreus 11:15, está escrito que, se o povo estivesse pensando naquela terra de onde saíram, teriam a oportunidade de voltar, o que nos faz recordar outra vez o Bilbo, que se soubesse tudo o que viria pelo caminho, talvez não tivesse saído do Bolsão. Mas, uma vez que fez uma escolha e não desistiu, estava

comprometido com sua missão. Lúcia Pevensie, personagem do conto *As Crônicas de Nárnia e o Príncipe Caspian*, de C.S.Lewis, na adaptação cinematográfica da história, uma menina com um coração inseguro, pergunta a Aslam sobre ter tomado uma decisão diferente da que tomou, e o Leão responde:

*Jamais saberemos o que teria acontecido.*

Hoje, com tantas possibilidades, não pouco somos paralisados pela dúvida de talvez ter feito a escolha errada, e isso ocorre na tensão mãe-carreira. Aslam chama a atenção de Lúcia para o tempo presente, com suas consequências presentes. Fixar o coração no passado, o julgando melhor do que o tempo atual (Eclesiastes 7:10), não é sábio.

O Senhor prepara os Seus para suas vocações. Uma mulher que exerce a maternidade grata e forte com tal escolha por sua confiança em Deus, propagará tais virtudes, e deixará marcas eternas em seus filhos. Recordo de minha mãe contando que sempre desejou ter filhos, e ela se empenhou com inteireza tal que era possível enxergar seu coração todo ali, com nossa família. Ela nunca me pareceu ter algo mais importante a fazer do que se dedicar ao nosso lar. Em todas as dificuldades, eu percebia Deus a fortalecendo e nos ensinando

com isso, inclusive nas aflições que a levaram para junto do céu. Trago estas observações para incentivar a dedicação das jovens mães ou aspirantes à maternidade. Vamos nos encorajar nessa nobre vocação e trazer ao mundo a graça do crescimento e da criatividade no viver dos nossos dias.

O ponto central é que filhos observam e absorvem dos pais, ouvem suas palavras e aprendem com seus atos. Desejo hoje ser mãe por causa da mãe que a minha mãe foi. Reside aqui a enorme oportunidade de inspirar um coração a ser mais parecido com Cristo, a desenvolver virtudes, a ser livre do medo rumo à terra que descerá dos céus. São tantas maravilhas concedidas aos pais que eu espero que nós, cristãos, não nos deixemos manchar com ângulos distorcidos a respeito da benção e da responsabilidade de ensinar, da beleza de uma mãe virtuosa e criativa.

São dignas de um lamento tão grande aquelas abordagens cinematográficas que trazem a figura materna como alguém atrapalhada, totalmente focada no trabalho, sem criatividade no bom procedimento da casa, desanimadas ou bem abaixo da “inteligência dos filhos”. Vê-se muito desse perfil no cinema, o que pode retroalimentar esse comportamento. Porém, um exemplo contrário a todos estes, é o de Evelyn Abbott,

personagem do filme *Um Lugar Silencioso* (2018). Evelyn é uma mulher, esposa e mãe forte, corajosa, sábia e instruidora, que juntamente de seu esposo, visa proteger seus filhos dos perigos iminentes. Em uma conversa com seu filho, um tanto relutante com alguns deveres, ela o conduz a visar de tal forma o futuro a ponto de valorizar os ensinamentos do presente, a fim de que aprendesse a ser forte e pudesse cuidar dela. Considerando toda a narrativa tensa do filme, essa fala tem um grande valor, e por isso indico que o assistam e que voltemos a ter esses ensinamentos. O que vemos, nesta cena, é uma mãe já incutindo no filho o dever do caráter protetor, criando um menino para ser um homem; um homem que cuidará de sua futura família. Saliento que observem a família neste filme, a responsabilidade que cada um desempenha, com convicção e união em prol da segurança familiar. Uma mãe comprometida em ser mãe, e um pai em ser pai.

Como filha e desejosa pela maternidade, oro para que não caíamos em ideias corrompidas sobre essa vocação, e que possamos trazer à memória bons exemplos de mulheres virtuosas. Me foi de valor inestimável ter sido criada por uma mulher convicta de sua fé e vocação. Oro também por aquelas que já são mães e estão enevoadas por dificuldades. Que o Senhor traga luz e

resgate a visão para a simplicidade salvadora de uma rotina, que para o filho será marcada pela presença e inteireza do coração da mãe. Nada mais que isso.

Que pais criem belos filhos para que nasçam mais e mais boas mães e bons pais. Finalizo com a mensagem da canção *Daughter*, de John Mayer:

*“Então pais, sejam bons com suas filhas / Elas irão amar como vocês amam / Meninas se tornam amantes e depois mães / Então, mães, sejam boas com suas filhas, também”*

Deixo aqui uma *playlist* que criei no *Spotify*, contendo todas as músicas que menciono nesse texto e, aos poucos, adicionarei as que futuramente trarei para nossas leituras. Espero que seja mais um momento edificante através da música!

<https://open.spotify.com/playlist/7M6w2fn4wpim74nsjBQkTj?si=01457f021a444db5>

---

#### Notas

Diffenbaught, Vanessa. *A linguagem das flores*. São Paulo; Arqueiro, 2015.

Frankl, Viktor. *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo; Sinodal; Petrópolis; Vozes, 2007.

Strauss, Ed. *Devocional: o Hobbit*. Londrina, PR; Livrarias Família Cristã, 2021.

---





**FECRISTĂ**  
RevistaDigital